A

N.° 1711
R.° 6.049

L.R. 2 x c3

V.13

A
A.7.11

MISCELLANEA

HISTORICO-ROMANTICA

BIBLIOTHECA PUBLICA
DE
EVORA
REG. A FL.___ DO LIV.___

17
1111

A
1711

MISCELLANEA

HISTORICO-ROMANTICA

COMPOSTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

BIBLIOTECA PUBLICA E ARQUIVO DISTRITAL - EVORA -
19 ABR. 1941
Z.-6.079

BARCELLOS
TYPOGRAPHIA DA AURORA DO CAVADO
1878

EDITOR, R. V.

A

LEOVEGILDO ANTONIO DA CUNHA

NEGOCIANTE EM COIMBRA

O.

Antonio Francisco Barata

INDICE

Duas palavras do Editor ao Auctor 9
A quem lêr 16

Os Miseraveis Conimbricenses:

Esboceto romantico 27
A Lazarada 49

Meditações—O ultimo arrabido 61
D. Julianna de Souza Coutinho (esboceto romantico) 80
Breve noticia do Convento de S. Marcos a duas leguas de Coimbra 95

Mortos illustres:

I Mem Rodrigues de Vasconcellos 121
II André de Rezende 127
III Garcia de Rezende 133
IV João Affonso de Moraes Botelho 137

Ineditos de Francisco Joaquim Bingre. Uma carta e 12 sonetos 143
Um autographo de frei João de Ceita 161
Fr. Joaquim de Santa Clara 179
Restauração do templo romano em Evora 185
Uma carta do conde de Monsanto 205
Freiras no reinado de D. Maria I 209

Viagens no reino:

I De Coimbra a Lorvão 221
II De Lisboa a Coimbra 233

DUAS PALAVRAS DO EDITOR
AO AUCTOR

DUAS PALAVRAS DO EDITOR
AO AUCTOR

Meu caro Barata

A publicação d'este volumesinho que, apropriadamente, intitulou MISCELLANEA HISTORICO-ROMANTICA, deve-se unicamente ás minhas instancias, que inclinado se não mostrava seu animo a fazel-a. Não julgava talvez dignos os escriptos que o compõem, passageiros como lhe chamava, e nascidos ao correr da pen-

na, e como desenfado de horas d'ocio, ou commemoração de convivio de amigos, de figurarem a par das obras de maior tomo com que tem illustrado as lettras, e tornado honrosamente conhecido seu nome. Pois contrario pensar foi o meu, e esse o motivo de tanto comsigo haver instado para que consentisse na publicação da *Miscellanea*, de que me offereci para editor na modesta typographia da *Aurora do Cavado*, jornal aonde já haviam tido o baptismo da publicidade grande parte dos escriptos que constituem este tomosinho.

Bem sabia eu que nitida e formosa, como era para desejar e eu muito o quizera, não sahiria a edicção, mas certo estava tambem de que esta como que nova consagração da boa amisade que desde tão largos annos nos une, sem uma só sombra a empanal-a, seria a seus olhos, espelho de

sua formosa alma, uma compensação do amor um pouco atraiçoado de pae, que para seus filhos, por poucos deve ter todos os carinhos, meiguices e cuidados, para que em publico se apresentem galhardos e donairosos.

Obrigação me corria, por sem duvida, reconheço-o sem ambages, para aqui fazer uma apreciação, ainda que leve e per *summa capita*, dos escriptos que entraram na *Miscellanea*, como introductor d'ella á vida publica; mas ao mesmo tempo que lhe faço esta confissão de um dever, faço-lhe tambem a da minha incuravel preguiça para escrever, sempre que uma força maior não actue em mim para isso e a isso me force: preguiça, aliás, desculpavel em quem tem o pulso cansado de deduzir *provarás* e allegar *razões* no foro mais rixoso de Portugal e Algarves, e perdido com isso, como os rapazes sahidos da instrucção prima-

ria perdem o bello talhe de lettra com a nota dos significados no latim ou francez, o pouco de grammatica e linguagem que, por ventura, outr'ora soube.

Além do que, com franqueza, não brilharia mais a *Miscellanea* e não receberia melhor acolhimento do publico, com ser precedida de algumas palavras mais do seu editor, do que as que por precizas tenho, para dar rasão da sua publicação na typographia da *Aurora do Cavado*; e o seu nome, meu Amigo, não receberia lustre algum dos elogios que eu tecesse a esses escriptos, que modestamente appellida de passageiros e alguns dos quaes, se não todos, eu julgo dignos de longa vida e credores de largo apreço.

Demais nada valho eu no mundo litterario, apesar de ser, isto posso-o dizer, um dos mais doudos ama-

dores das boas lettras, sem distincção de escólas, e ter lidado toda a minha vida em rodear-me, nos dez mil volumes da minha livraria, das obras primas da intelligencia humana.

E o meu Amigo não precisa tambem já de quem o introduza ao publico aonde o seu nome é acolhido com merecido applauso, conquistado pelo perseverante estudo, infatigavel força de vontade, e sua lida incansavel nas lettras a que tem consagrado, com progressivo approveitamento, todos os momentos que póde furtar aos cuidados ordinarios da vida, que tão pesados lhe tem sido.

Esta é, tambem, para mim uma das cousas que eu mais avalio e prézo em si. Se d'alguem se póde dizer que a si deve o que é, outrem não conheço a quem melhor se possa applicar a frase do que ao meu Amigo. Sei-o eu bem que ha tão largos annos o

acompanho, ora de perto ora de longe, na sua escabrosa existencia, e que sei que cada passo que dá é um progresso que faz, mas progresso que resume em si muitas e custosas fadigas e não poucas dôres e maguas.

Ponham-se, porém, de parte e esqueçam-se recordações d'estas cousas tristes que, ainda assim, comsigo trazem e tem para si a compensação do triunfo alcançado, e deixe-me que lhe dê aqui um vigoroso aperto de mão, ou, antes e melhor, dous sejam elles: um, de agradecimento pela annuencia ao pedido da publicação da *Miscellanea;* outro de parabens pela vinda a lume de um novo volume seu —o decimo, creio, na ordem chronologica.

Ha na *Miscellanea* escriptos para todos os paladares, e tenho que não será este um de seus somenos merecimentos: que ao lado de narrativas

romanticas, em que respeitado sempre o fundo historico sobre que ellas bordadas, e taes o primeiro *Esbocceto* do volume, *A Lazarada* e *D. Juliana de Souza Coutinho*, se encontram *O ultimo arrabido*, meditações no estylo burilado em bronze de Alexandre Herculano, a *Breve noticia do Convento de S. Marcos*, e a *Restauração do templo de Diana em Evora*, apreciaveis estudos archeologicos; os *Mortos Illustres*, commemoração da vida, e feitos ou escriptos de quatro homens notaveis da nossa historia, do primeiro dos quaes, Mem Rodrigues de Vasconcellos, o celebre commandante da *Ala dos Namorados* em Aljubarrota, o meu Amigo descobriu a campa no magestoso templo de S. Francisco em Evora, como descobriu a do ultimo d'elles, outro heroe d'Aljubarrota, João Affonso de Moraes Botelho, na vetusta igreja de S. Pedro nas ruinas de Condeixa-a-Velha; as

humoristicas e interessantes *Viagens no reino*, e curiosos e recommendaveis ineditos do *Cysne do Douro*, Francisco Joaquim Bingre, de *frei João de Ceita*, de *frei Joaquim de St.ª Clara*, do *conde de Monsanto* &.

Ha, pois, na *Miscellanea*, repito-o, escriptos para todos os paladares, e todos elles de merito e prendendo a attenção de quem os lê.

Posto isto, não o enfado mais nem aos leitores, e termino concluindo me creia sempre, meu caro Barata,

compadre mt.º amigo

Barcellos, 30 de novembro de 1877.

Rodrigo Pelloso

A QUEM LÊR

A QUEM LÊR

Poucos homens haverá na litteraria republica que, na cidade de Coimbra ou fóra d'ella, conheçam o Mecenas d'este livrinho.

E, com tudo, bem digno é elle de ser conhecido.

Era eu bem novo quando pela vez primeira lhe entrei em casa. Ia para aprender: fui ensinado amoravelmente e convidado a voltar, quando houvesse difficuldades, que sosinho não podesse superar. Voltei uma e muitas vezes.

Leovegildo Antonio da Cunha, como Francisco Dias Gomes, a quem no estudo e nos

conhecimentos representa actualmente, cursou bem novo as aulas de grammatica portugueza e latina no antigo *collegio das Artes* de Coimbra, sua patria, passando d'alli sem mores habilitações, para o commercio, que ainda exerce na Lusa Athenas.

Ao conhecimento das linguas franceza e ingleza, que maneja sufficientemente, junta hoje um vastissimo trato dos melhores escriptores portuguezes, tanto antigos como modernos, sendo-lhe familiares, com Sá de Miranda, Ferreira e Camões, Ceita, Vieira, frei Luiz de Souza e Bernardes, o Garção, Filinto, Diniz e todos os modernos.

Pensando como Camões, que conhece tão bem como pouquissimos, desculpa a sua modestia com as palavras d'elle: *não quero que do meu pouco comam muitos*—e assim, mais tem tratado de enriquecer seu espirito no estudo, do que de fructear como podera uberrimamente.

Correm algumas traducções suas do francez em vernacula linguagem no *Instituto* e no *Repositorio Litterario*, periodicos de Coimbra, e d'elle são as correcções numerosas que em fórma de mappa andam appensas ao livro de J. S. Barboza editado em Coim-

bra em 1868 com este titulo: *Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camões.*

Contando mais de sessenta annos, ainda hoje o estudo é seu melhor passatempo. Na sua pequena livraria selectissima, ainda hoje, como se fôra moço, se compraz no trato e lição de nossos classicos.

Releve-me sua modestia e maior isempção o que fica n'estas paginas, que não podia eu esquivar-me a manifestar este sentir, eu, que por seus conselhos fui guiado, por seus livros ensinado e por seu muito saber corrigido e paternalmente admoestado.

Este livrinho é o agrupamento de fugitivos escriptos, alguns do tempo em que junctos estudavamos, e quiçá seus conhecidos.

Consinta elle em acceitar este tributosinho d'affecto e grata lembrança que, d'este desterro no Alemtejo, lhe dedica jubiloso

o seu compadre e amigo

Antonio Francisco Barata

OS MISERAVEIS CONIMBRICENSES

OS MISERAVEIS CONIMBRICENSES

ESBOCETO ROMANTICO

—I—

Ao incommensuravel abysmo dos seculos, á caliginosa noite dos tempos se aproximava já o anno de 1856.

Coimbra, a donairosa rainha das Beiras; odalisca opulenta em seu throno de verdura e laranjaes em flor; terra cubiçada de Suevos, Vandalos e Mouros; fenix renascida da *Conimbrica* dos Romanos; dilecta de Minerva e seus alumnos, onde serena deslisou a primavera da vida de Sá de Miranda, Ferreira e de Camões; Coimbra escondia-se no manto da noite do dia 26 de dezembro d'aquelle calamitoso e tristemente lembrado anno de 1856.

O flagello dos homens, manifestação segundo uns da ira divina, e segundo outros sôpro de morte paludal, filho da incuria d'elles: columna de ar mephitico e deleterio

sahida das margens do Ganges na Asia ardentissima, para açoute da velha Europa e do mundo, a cholera, finalmente, batera ás portas da saudavel Coimbra, entrara e de mortes deixava um rasto na passagem assoladora. Grandes estragos eram por ella feitos em todo o bairro baixo.

Cerrara-se a noite. O relogio da igreja de S. Bartholomeu pausadamente batera 9 horas. Desertas eram as ruas, fechadas muitas lojas. O fantasma aterrador amedrontava a todos; com as trevas da noite era mais formidavel: poucos se arriscavam a encontral-o depois do toque das ave-marias, julgando-se ao abrigo d'elle em suas moradas.

O bairro baixo de Coimbra é um dedalo intrincado, um labyrinto confuso de ruas estreitas, beccos e lama.

Formado d'esses casebres que outr'ora se levantavam extramuros das cidades fortificadas, como plebe de mendigos á porta dos grandes, o bairro baixo, apesar de um certo cunho de modernismo em sua construcção, é, comtudo, transumpto fidelissimo d'esses quarteirões amaldiçoados pelos christãos e por elles despresados com os nomes de *judearias* e *mourarias*, e quasi irmão gemeo da angustiada Alfama de Lisboa.

O Mondego, especie de Viriato liquido dos Herminios, é, como esse inimigo implacavel dos romanos, um verdadeiro assolador das hortas e da cidade de Coimbra, tão cruel em suas devastações como Attila ou Tamerlão.

Hortas, conventos, (1) habitações, tudo ha sido victima de seu alveo movediço, sepulchro arenoso de muitas bellesas historicas.

As casas do bairro baixo não são, conseguintemente, as primitivas; mas successoras um pouco degeneradas das que deveram constituir a rua da *Figueira velha*, e outras, cujo local se não marca hoje com rigorosa precisão historica.

O mesmo não acontece na parte elevada da cidade onde casebres existem antiquissimos.

Mas, não enfastiando mais o leitor com descripções d'esta naturesa, convido-o a acompanhar-me á *Rua da Gala*, e a entrar comigo na casa que n'esse tempo tinha numero 9, e hoje tem o 39. Aqui dá começo uma dupla tragedia; aqui principia para o leitor

---

(1) Os conventos de St.ª Anna, e S. Francisco, S. Domingos e St.ª Clara.

este breve romance rigorosamente verdadeiro.

Pobre é a casa e despida de moveis. Sobre um leito ordinario de pau de pinho avulta um corpo humano, coberto de um lençol de linho: parece dormir. A um canto debulhada em lagrimas soluça e chora uma mulher já de idade. Sentada no chão, aperta a cabeça entre as mãos ressequidas e só de espaço a espaço a levanta para o corpo que dorme. É um quadro simples nos elementos, singelo pelas imagens, mas na essencia mysterioso e assustador.

Interroguemol-a.

—Boa mulher, que desgosto a afflige?

Silenciosa fica: só com soluços responde, só com ais comprimidos e a custo exhalados ainda mostra que vive.

O vento penetrando pelas fisgas da janella varria a casa com seu sôpro gelado e mortifero.

E, na verdade, sôpro de morte era elle que tantas vidas levava em flôr!..

Descubramos o rosto ao vulto que talvez durma o somno eterno.

Primavera da vida! maio florido da existencia curta, como és passageiro, como fugitivo é teu viver de aromas!

Vinte annos representa a mulher morta que descobrimos:

«Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lirio,
«E em lirio os labios teus?

Morta! morta, e só coberto seu corpo alvissimo por um pobre lençol de linho, e pelas tranças abundantes de seus cabellos sem brilho...

E que feições aquellas!..

Sôpro de morte que has talado cidades e aldeias, que ao modo de um cometa presago has deixado uma cauda de sangue sobre a terra, que peccado condemnaria aquella mulher tão moça e linda!...

Acaso não será ella victima tua?

Mancharia a mão do crime aquella fronte encantadora?

Dêmos tregoas a considerações, leitor amigo, e deixemos tal casa onde se nos comprime o coração.

Tomemos a direcção da praça e sigamos aquelles tres homens que veem descendo pela rua dos Cegos.

—Sim, sim dizia um d'elles, homem baixo, nutrido, com as barbas crescidas, menos no labio superior onde a trazia feita e bem escanhoada.

Representava mais de trinta annos: tinha um rosto socratico e intelligente: eram poucas as suas fallas, mas polidas sempre, sentenciosas e por vezes epigramaticas.

—Sim, sim veremos isso; a morta ha-de ter sepultura, dizia para os dois que o acompanhavam, e que, em verdade, nem descripção merecem aqui, porque tudo n'elles era trivial e ordinario, a não ser...

—Acredite, sr. Regedor, que ella morreu com a cholera, parecia teimar um d'elles.

—E é tão certo que até o sr. prior de S. Bartholomeu a foi confessar já hoje, accrescentava o outro.

—Tanto melhor, disse o regedor: iremos primeiro a casa d'elle.

—Mas isso não é precizo, atalhou o primeiro.

—Ha muita cousa que não é preciza e muito homem que melhor estaria se estivera preso.

Assim poz um termo ás observações impertinentes o desconfiado regedor; e, como additamento, foi-lhes dizendo:

—Caminhem adiante de mim: o que der um passo para se retirar, morre! e mostrou-lhes o cano de uma carabina que levava de-

baixo da capa em que se envolvia.

Esta quixotada produziu o desejado effeito, porque os dois, amedrontados, lá o foram acompanhando como se foram dois rafeiros fieis.

A' porta da casa do prior de S. Bartholomeu, o regedor bateu por um modo convencionado e ella abriu-se.

Subiram.

—Boas noites nos dê Deus, snr. prior, disse o experto regedor.

—Boas noutes. Então que nova temos?

—A epidemia está peior, não é assim? Já esta noute levou a extremaunção a uma pobre mulher...

—Não, felizmente não levei; até julgo que é menor o seu estrago, respondeu o prior.

—Em nome da lei estaes presos, meus senhores, disse o regedor para os dois que o acompanhavam.

E, deixando attonito o prior, desceo, levando em sua companhia os dois sujeitos.

Quando atravessavam a praça o regedor perguntou-lhes:

—Onde está essa mulher morta?

—Na rua da Gata n.º 9, respondeu um d'elles.

Tomando aquella direcção os tres desapparecerão na rua das Solas.

O leitor conhece já a casa n.º 9 da rua da Gala e alli assistiu a uma scena que o entristecera; não quererá certamente voltar lá. Melhor será que me acompanhe e comigo faça uma pequena diversão pelos amenissimos campos de Coimbra, dos antigos chamados herculeos.

Medem sette legoas em comprido os feracissimos campos de Coimbra, comprehendidos entre esta cidade e a villa da Figueira, praia de banhos magnifica na foz do Mondego.

Antes de 1700 beijava este rio as terras que orlam o campo á direita: Lavarrabos, S. Silvestre, Tentugal e outras até Montemór-o-velho, mas de 1790 por diante, desviado de seu natural curso, o Mondego talhou em dous o formoso campo de Bolão e passou a regar as terras da esquerda d'elle, até Montemór tambem.

Pereira, St.º Varão e Formozelha são banhadas hoje pelas aguas d'este rio, que em alguns annos pelos meses d'agosto e setembro chegam a desapparecer completamente n'aquellas alturas, onde o seu alveo é mais elevado.

Um formoso, mas abrasador domingo d'agosto esplende por essa campina no anno de 1865.

Funcção de egreja e touros corridos á vara em Pereira, chamam alli uma concorrencia extraordinaria n'aquelle dia.

De Coimbra mesmo vão alguns curiosos e amadores de touradas. Se o leitor não assistiu ainda a um d'estes divertimentos populares, embarque-se comigo no Mondego e assista em Pereira a um espectaculo sobre barbaro estupidissimo.

Nega-se a penna a uma descripção d'esta villa. Um montão de casebres em que destaca uma ou outra casa de regular construcção, enfileirados em tortuosas e mal calçadas ruas a constituem.

Era mais de meia tarde. Acabára a funcção religiosa em honra e louvor de um certo santo; e por elle ainda se iam correr touros.

Na parte em que uma rua é mais larga e que pelo nome não perca, elevada á preeminencia de tauromachia popular, ia folgar á larga a populaça dos campos.

Obstruidas as sahidas da *praça* com barrotes, carros, arcas velhas, molhos de lenha e taboas, especie de barricadas defendidas por turbas gritadoras de homens, mulheres,

e crianças, armadas de varas, espetos e varapáos com puas afiadas contra o cornigero inimigo; apinhadas as janellas, postigos e telhados de creaturas delirantes de alegria; tocando sobre um terreo palanque uma infernal philarmonica, delicias, enlevo, encantamento d'aquella gente, a festa começa.

Soltam de um curral o primeiro *touro*, amançado boi nos trabalhos do campo: apesar de espicaçado o animal avança com tardo passo fitando a turba de compassivo olhar.

Pasmado da diabolica algazarra cheira socegado a terra que pisa, procede a naturaes operações com que a turba folga em dichotes ensossos; e, depois de cortejar o publico por modo tão indecente, procura, como o philosopho Diogenes, um homem... de juizo n'aquella delirante populaça.

Debalde o procura o boi. Algumas aguilhoadas lhe procuram a elle o couro, onde se cravam sem dó. Muge o animal docil no pungente da horrivel dôr, despede um par de couces, abre curta carreira e estaca dolorido. Um chuveiro de aguilhoadas lhe farpeia então o corpo; pára o animal perseguido, corre de novo, e, julgando-se

fóra do alcance das varas, pára outra vez. Um diluvio de picadellas lhe cáe em cima d'esta feita; desesperado o boi arranca uma carreira contra uma trincheira ou barricada traiçoeira. No impeto, falta-lhe o terreno, vergam-lhe as mãos e prostra-se.

Um alarido espantoso, uma gritaria diabolica, um bater de palmas de mil mãos calosas e uma musica arrepiadora applaude então o animal vencido.

D'aquella sanzalla infernal de vozes eleva-se de repente a voz toante de um corpulento magarefe:

—Fóra o boi! Méééé!

—Fóra, fóra! segundou contente a turba.

—Outro! venha outro! troava o cortador.

E outro veio, e outros vieram mansos e cançados como o primeiro.

Soberbo espectaculo!

Que tu, policiada Roma, assistisses a luctas de animaes selvagens para refocilamento de teu já gasto e embotado appetite: embora; mas gentes de Coimbra, de uma terra civilisada, assistirem, applaudirem a cruel perseguição de tão prestantes animaes!..

Por este esboço singelo já o leitor faz uma leve ideia de uma tourada á vara: desvie-se-lhe a attenção.

Quem será aquelle sujeito nutrido, que tanto assesta uma luneta para um ponto determinado?

É um potentado d'aquelles sitios cujo nome é Paulo de Menezes.

Um carro de bois é o ponto das observações do rico.

Um carro de bois, leitor, que serve de trincheira e tapume de uma rua, mas sobre o qual destaca uma formosa moça entre muita gente contida alli.

Vestida com o seu melhor fato, a linda aldeã era n'aquelle dia a primeira entre todas.

Joaquina, que tal era o seu nome, mediana na estatura, delicada nas formas, seductora nos olhos lindos, nas faces côr de rosa e nas mãos delicadas, reinara por aquelles campos, competindo nos encantos naturaes com a mais delicada dama de uma esteira mais elevada.

Sem pae, Joaquina vivia com sua velha mãe, com um irmão e com uma tia materna.

Era solteira porque temera sempre as consequencias do casamento, não por que

lhe faltassem pretendentes, que em volta d'ella giravam os rapazes d'aquellas redondesas como em volta do sol os astros giram.

Sem riquesa, a sua familia era amparada pelo braço d'ella que aprendera o mister de tecedeira. O vicio passou-lhe um dia á porta e pasmou d'aquella bellesa. Despejando um punhado de ouro no regaço da mãe, misera que se offuscou com o seu brilho, poude entrar facilmente n'aquella casa. D'alli á perdição da mãe e filha distava um passo: o vicio deu-o. Menezes chegou a ser obedecido por ambas.

Seis mezes depois da tourada entravam em Coimbra, ao cair da noute de um dia de novembro, as duas mulheres, mãe e filha.

Com instrucções e uma carta de Menezes para um individuo d'esta cidade, Joaquina e sua mãe foram recebidas em uma casa da rua das Parreiras, no bairro alto.

Ao tremedal da deshonra arrastára o rico a encantadora tecedeira; era mister salvar certas apparencias, guardar na aldeia a puresa da moça.

Joaquina, pretextada doente do peito, vinha para dar á luz em Coimbra o fructo de uma criminosa acção, para lançar uma

victima innocente no sorvedouro da roda e para voltar mais tarde á sua terra casta e pura aos olhos dos visinhos.

Um sangrador foi chamado á rua das Parreiras. O miseravel parece que era mui sabido nos meios que do ventre materno arrebatam vidas que poderiam ser utilissimas á republica. Sangrias, beberragens, moxinifadas e

Os tão mal vistos
Amargos mixtos
D'agra pharmacia

começaram de combater a peccadora e o innocentissimo.

Venceu o sabio assassino; e Joaquina, contando apenas vinte annos de idade, baixou á sepultura com seu filho...

Que mais quereria o seductor? Uma pouca de terra cobria a sua victima, uma campa singela occultava para sempre a deshonra e o crime.

Não faltava astucia e manha ao improvisado sangrador.

Em Coimbra grassava a cholera-morbus: era preciso fazer crêr ao parocho e ao regedor que Joaquina havia sido victima da epi-

demia. Para isto havia necessidade de a fazer conduzir morta para a rua da Gala onde mais intensa andava a molestia.

Á bocca da noite do dia 29 de dezembro de 1856, um cadaver sentado n'uma cadeira de braços levada por dois conimbricenses, descia da rua das Parreiras, no bairro alto, para a casa n.º 9 da rua da Gala.

E mal diria quem visse passar aquella mulher e lhe não attentasse bem no rosto palido, que n'aquella cadeira-esquife hia uma vida desfolhada em flôr!

Bem quizera eu louvar agora a justiça dos homens se ella se me não representasse uma perfeita teia de aranha em que, como diz o eloquente Vieira, só cahem e se enleiam pequenas moscas, furando-a e zombando d'ella qualquer outro bicharôco de mais porte e de maior peso.

Preso nas cadeias de St.ª Cruz, o sangrador de Joaquina e seus dois mercenarios cumplices, aquelles que depois de morta a levaram para a rua da Gala, appellaram para a dourada protecção de Paulo de Menezes.

Com juizo andaram; porque, um mez depois de haverem sido prezos pelo intelligente regedor de S. Bartholomeu, eram pos-

tos em liberdade por se lhes não achar culpabilidade!

Lá do alto vigia, comtudo, um juiz mais justo.

Em 1864 era julgado no tribunal de Coimbra o misero sangrador, por um novo crime perpetrado; e, podendo ser talvez absolvido por falta de provas, lá foi expiar em Africa o seu passado criminoso. Era a justiça de Deus.

A detenção que costuma haver em nossas prisões depois do julgamento dos réos, não a experimentou elle.

De Coimbra sahiu para o Porto, e d'alli para Angola, o pobre sangrador.

Cinco annos devia viver n'aquellas paragens mortiferas.

Antes que o leitor conheça o viver d'este desgraçado em Angola, dir-lhe-hei primeiramente qual foi o destino das outras personagens que viu n'este esboço romantico.

Os dois homens da cadeira, absoltos por influencia do rico, tem passeiado as ruas de Coimbra limpos de qualquer macula culposa.

A velha mãe da infeliz Joaquina perdeu o juiso quando perdeu a filha e lá deverá es-

tar no real hospital de S. José em Lisboa.

O regedor ainda vive tambem. Homem habil e emprehendedor, deixou um dia a tesoura de alfaiate e presta actualmente bons serviços nas obras publicas.

O rico Paulo de Menezes, descendo de dia para dia das alturas do seu ouro, nivela-se quasi com o singelo lavrador, e mais tarde Deus sabe com quem.

Deixemos estes individuos, leitor benevolo, para fazermos uma viagem até ás costas d'Africa. Não tema os trabalhos da viagem, que o mar é de monção e os ventos são favoraveis.

Além avulta já Loanda, remirando-se no espelho immenso do mar.

Entremos sem receio

N'esta turbulenta terra
Armazem de pena e dôr,
Confusa mãe do temor,
Inferno em vida;
Terra de gente opprimida
Monturo de Portugal,
P'ra onde purga o seu mal
E a sua escoria;
Onde se tem por vangloria
O furto, a malignidade,

A mentira, a falsidade,
E o interesse: (2)

entremos sem receio, que limpos de consciencia entramos.

O viver d'esta cidade é monotono. Uma população pela maior parte escura, não pode offerecer encantos ao europeu continental. Não tem divertimentos: o jogo é o entretenimento mais usado de quem por desgraça alli tem de viver.

Tantas descripções se hão feito já do jogo e das casas em que se joga, que o só recordal-as me leva a vontade de esboçar alguma d'ellas.

Entremos n'uma, para presenciarmos ahi uma scena edificadora, para vermos regenerado o criminoso, assassino da tecedeira Joaquina e de seu innocente filho que

> ....*antes de nascer* morreu *forçado;*
> *Triste aborto, imperfeita creatura,*
> *Do ser e do não ser porção impura,*
> *Do ser despreso e do não ser cuidado.*

---

(2) De uma poesia inedita do seculo passado.

Sentados, erguidos, em mil posições assistem os jogadores ao *innocente* passatempo.

Á maneira dos paineis das almas pelas estradas, onde todas as figuras são obrigadas, onde todo o individuo tem entrada, desde o arrieiro até ao bispo, desde o bispo até ao rei, áquella banca ha de todas as raças e de todas as posições sociaes.

Do inglez mais côr de leite ao mais escuro hottentote, observa-se alli uma perfeita graduação de côres e feições.

Aquelle homem de bigode preto, faces chupadas, olhar amortecido é o notavel sangrador, que depois de haver vivido em Coimbra uma vida desregrada, em Angola a continúa desenfreadamente. A sua habitação é a casa do jogo: alli passa as noutes velando, alli parcamente se alimenta, alli o atormenta a sêde do dinheiro como equeleo mortifero em que se lhe esvae a vida:

Bem disse Bocage na *Pavorosa*:

«—*É castigo do vicio o proprio vicio*—»

Máos são os vicios; mas o do jogo é pessimo:

«Nem de seu sabe o que tem
«Quem tal vicio tem por seu,

disse F. A. Gomes, e o marquez de Valença D. Francisco de Portugal, nas suas *Reflexões á Paixão de Christo*, genealogia-o assim: —filho primogenito da cubiça, e pay desgraçado da mais fecunda, perniciosa e feya descendencia.»

Este esboceto romantico será o começo de uma serie de escriptos que intentamos realisar, e que iremos publicando sob o generico titulo de: *Miseraveis Conimbricenses.*

Coimbra, 1868

MISERAVEIS CONIMBRICENSES

MISERAVEIS CONIMBRICENSES

— II —

A LAZARADA

Ha mais de vinte annos já. Era em Coimbra, em uma brilhante tarde do primeiro dia de Junho de 1854.

São de uma formosura grande as margens do Mondego n'aquelle tempo, e os arrabaldes de Coimbra de um encanto e poesia inexcediveis.

Debruçam-se sobre o rio indolente os salgueiros verde-claros e os chorões, descanta ainda um ou outro rouxinol as derradeiras canções amorosas nas balsas floridas, e o ar sereno, e o ceo formoso, e o enebriante aroma d'aquelle vegetar pomposo conspiram ás invejas por nos deliciar a alma, arrastando-nos descuidosos e satisfeitos pela *Fonte das Lagrimas*, *Lapa dos Esteios*, *Fonte do Castanheiro*, *Penedos da Saudade e da Meditação*, *Valle de Coselhas e Salgueiral*.

Tem este nome um bastantemente gran-

de tracto de terra povoada de arvores na margem direita do Mondego, no sitio em que o caminho de ferro do norte corta aquelle rio sobre a extensa ponte.

O antigo leito do Mondego o atravessa em parte com seus poços ou pequenos lagos; descondensa-o aqui e além uma ou outra clareira, formada da areia que o rio nas suas enchentes para alli arroja, sendo no mais amenissimo e transitavel, maiormente depois de algumas obras alli emprehendidas nos ultimos annos. Aquella matta foi plantada no seculo passado quando pelo plano de melhoramento do rio, do Jesuita Estevam Cabral, se desviou do antigo leito para o novo, que passou a banhar as terras da esquerda do campo de Bolão.

Foi n'esta deliciosa matta que na tarde do referido dia entravam tres academicos do lyceu de Coimbra, trajando capa e batina. Adiante marchava Lazaro Tavares Affonso e Cunha, natural do Bunheiro, no districto de Aveiro, estudante de Logica e de Geometria, seguia-o Diogo Maria Araujo Santa Barbara, de Coimbra, condiscipulo do primeiro, e após os dois caminhava Luiz Maria da Cunha, da Pedrulha, estudante de Latim. Embrenharam-se.

—Grande caçada de rolas teremos nós esta tarde, ó Lazaro, dissera o Diogo.

—Talvez não, respondeu o Cunha: a modo que as não vejo.

Desviados da estrada, que pela margem do rio e á beira da matta conduz a Montemór-velho por fórma que de ninguem fossem vistos, o Diogo redarguira ao Cunha:

—Enganas-te, repara,—e n'isto apontava uma carabina que trazia carregada de bala e de chumbo grosso ao pescoço de Lazaro, que ia na frente, e desfechava no moço um tiro mortal...

Lazaro Tavares Affonso e Cunha levou precipite a mão direita ao gorro, que tirou da cabeça, caindo instantaneamente sem vida aos pés do condiscipulo assassino!...

Hirto, boquiaberto, estupidamente espantado ficára o Cunha, que não sabia da intenção criminosa do Diogo, e que para uma caçada de rolas fôra convidado. O assassino, com o cynismo mais repugnante, arremessa a carabina e exclama:

—Não t'o dizia eu?—Vamos, ajuda-me a colher caça. E n'isto compellia o Cunha a caminhar para o cadaver sobre o qual o forçára a sentar-se a seu lado! Instantes depois, decorridos em estupido e automatico silencio

do Cunha e em risadas satanicas de Diogo, este disse para o horrorisado companheiro:

—Então? já te vaes acostumando, não é verdade?

Em seguida, erguidos de sobre o condiscipulo, procedeu o assassino a roubar ao morto a aproximada quantia de tres moedas, acto presenceado pelo terrificado Cunha, com a indifferença de uma estatua.

—E' preciso que me ajudes agora, diz Diogo para Luiz Maria da Cunha, a esconder n'estas silvas a este morto. E tomando o cadaver por um braço, começou de o arrastar para um recesso da matta onde os arbustos e as silvas melhormente o poderiam guardar até se consumir. O cadaver, rojado o rosto pelo chão, duplicára de peso na sua mortal inercia, e forçoso era ao traidor condiscipulo pedir auxilio ao cumplice.

—Então? queres ficar a fazer-lhe companhia ou queres ajudar-me?

Tão espantosa e terrivelmente soltára aquellas palavras o assassino que o estudante Cunha, medroso como diante de uma panthera raivosa, obedeceu sem aguardar outra rogativa e ambos conseguiram facilmente occultar no silvedo aquelle moço, traidoramente assassinado ao desabrochar

da mocidade, quando, longe de seus paes, cursava as sciencias na risonha Coimbra!

Que notaveis contrastes se atropellam na mente do escriptor ao ver com os olhos do espirito aquelle mancebo banhado em sangue, escalavrado o rosto juvenil, em que a barba começára de pungil-o, entregue aos abutres do ar, ou aos cães famintos na risonha e fresca matta do Salgueiral!

E a dôr manifestada no silencio varonil do pae, ao receber a fatalissima nova? E os gritos doloridos, vindos do intimo peito da mãe consternada e afflicta?...

—Meu Deus! será o homem tão máo como a hyena, ou poderão a educação menos cuidadosa, embora inintencionalmente, e a convivencia social de libertinos corromper-lhe o coração, e damnar-lhe os instinctos? Repugna tanta abjecção no ser racional!

Haviam decorrido mais de quinze dias depois dos tristes acontecimentos marcados.

Debalde a policia de Coimbra empregára meios para descobrir o destino do academico Lazaro Tavares Affonso e Cunha: ninguem sabia d'elle nem morto nem vivo, quando uma tarde correu voz na cidade que era apparecido! E, de facto, um caçador por appellido Tinoco, andando no *Choupal* á

caça, notára que alguns dos cães haviam amarrado a uma balsa, e que com seus ladridos o convidavam a aproximar-se. Achegou-se. Que espectaculo! Alli jazia o assassinado estudante, envolto ainda nas vestes pretas de seu uniforme, meio devorado já dos cães famintos e das aves de rapina, separada do tronco a cabeça, cujo rosto já perdera as feições na horrivel decomposição em que estava.

Pressuroso correra o caçador á cidade para dar parte á auctoridade d'aquelle afflictivo e commovedor apparecimento...

Trazidos os restos do mancebo infeliz para o theatro anatomico n'elles fez autopsia, no dia seguinte, o fallecido e distincto medico Antonio Joaquim Barjona, com difficuldade pelo deleterio e nauseabundo do cheiro, offerecendo á justiça a base de um processo crime contra *alguem*, que se não conhecia, e que havia assassinado aquelle moço, com um tiro na parte posterior do pescoço junto á região occipital.

Sepultara-se o que restava do mancebo que, 15 dias antes, descuidado cursava os estudos no ledo viver da juventude, primavera d'illusões encantadoras, tão cedo trocada pelos gelos do outomno, pelo frio da morte...

E o tempo começava lentamente a sua obra fatalissima de esquecimento, e o matador a dar tregoas ao fantasma ensanguentado do condiscipulo morto, que por vezes a horas mortas da noite o assaltava em sonhos, medonho como o espectro de Samuel e como o de Holofernes, offerecendo-lhe a propria cabeça horrivelmente desfigurada, em premio de seu infernal designio, de seu feito selvagem e deshumanissimo.

Jazia, porêm, incompleta a obra de reparação! Lá do alto vigiava o Omnipotente. Se o coração de uma mãi consternada era ermo do amor filial, arido e secco como as arêas do deserto, depois de por alli passar a tempestade da dôr, mais de um pae havia a quem Deus destinava em seus juizos altissimos o tragar até as fezes o calix de uma dilacerante amargura... Mysterios ha na vida insondabilissimos! Pois será possivel que Deus queira castigar com dores pungentissimas o coração de um pae pelas faltas ou crimes de um filho? E, por contrario modo, deverá a razão humana acceitar o castigo de um filho innocente pelos crimes do pae criminoso? — Só com uma eterna duvida, só com uma inexplicavel evi-

dencia respondem lamentosos factos ao perguntar do espirito pensador... E' melhor, porém, interromper semelhantes considerações.

Chegára a noite do dia 12 de julho de 1855.

Que homem ha ahi juiz, delegado, empregado publico, advogado, que houvesse frequentado os estudos em Coimbra e alli vivesse, que não lembre o botequim ou loja de bebidas da senhora *Anna Freira*, na rua de Santa Sophia d'aquella cidade?

Demorava o *Botequim da Freira* na indicada rua, em uma casa abobadada e sem pé direito, quiçá masmorra da inquisição d'aquella terra, em tempos que Deus não mais volva. Era sua proprietaria a indicada senhora Anna, que pelo legitimo apellido não perca, se não era o de *Freira*. Gorda, quasi rotunda, tomadora de rapé, alvas faces com algumas palidas rosas, que deveriam ter sido mimosas cores na juventude, a senhora *Anna Freira* era, ha 20 annos, um sensivel monumento arruinado de proezas venustas, de feitos seductores, de amorosos encantos. Como as ruinas do Carmo ainda tinha adoradores.

Foi, pois, no seu botequim, n'aquella

epocha democratico, já na idade de ferro, que na referida noite de 12 de julho, sentados a uma meza bebiam, fumavam e conversavam tres homens.

Eram elles os já nossos conhecidos Diogo e Cunha, e o terceiro, Fabricio Augusto Marques Pimentel, estudante tambem. (2)

Cercados de espiraes de fumo, escandecidos talvez pelos vapores alcoolicos, Pimentel contrariava a Diogo em uns pequenos nadas.

De repente Diogo transmuda o rosto, enraiva os olhos, franze os sobrolhos medonhamente, e batendo forte murro na meza irrompe com voz desconcertada:

—Cautela, se não queres que te faça o que fiz ao Lazaro!...

E subitamente lembrando-se da inconveniencia que dissera volve-se rapido para *Anna Freira*, bradando com uma gargalhada abafadora:

—Genebra! mais genebra! É noite de festa! bebamos!

Em seguida, impressionado pelas pala-

---

(2) Esta reunião é legendaria, crê-se; mas affirmava-se em Coimbra por aquelle tempo o ter ella existido.

vras que soltára, e tentando desviar d'ellas a attenção dos circumstantes, aos que a outras mezas se achavam offerecia de beber, com sorriso contrafeitissimo.

Era, porém, muito tarde já.

Sem elle n'isso attentar um vulto saira do botequim, mal Diogo soltára aquella confissão...

Agora desejará saber o leitor como era que Pimentel parecia ter conhecimento do caso, não tendo elle ido ao *Choupal*.

No dia 2 de junho de 1854, dia immediato ao assassinio que perpetrára, buscára Diogo em sua casa a Pimentel, a quem narrára o que fizera, não occultando particularidades, queixando-se de não ter encontrado no morto o dinheiro que desejava e presumia que Lazaro tivesse.

Alli, quiz elle dar parte do dinheiro ao Cunha, por mais cumplice o tornar; este, porém, parece que o não acceitára. Pimentel sabia, pois, do facto que não divulgára, talvez por medo.

Em 13 de julho de 1855 prendia o administrador do concelho de Coimbra, Eugenio da Costa e Almeida e o seu escrivão, Antonio de Freitas Barros, no lugar da Pedrulha, a Luiz Maria da Cunha, em casa de sua

familia, e em Coimbra, a Diogo Maria Araujo Santa Barbara, na casa de seu pae. Fabricio Augusto Marques Pimentel foi preso tambem.

A Relação do Porto, para onde haviam aggravado d'injusta pronuncia Pimentel e Cunha, deu provimento á do primeiro, negando-a ao segundo, e no dia 2 d'agosto de 1856 começava em Coimbra o julgamento do Diogo e do Cunha.

Estava então o tribunal na casa da Mizericordia, ao cimo da antiga rua do Coruche.

Era Juiz de Direito Manoel Vilella de Souza Araujo Barbosa, e Delegado do Procurador Regio e querellante Augusto d'Abreu Castello Branco, Advogado do Diogo, o dr. José Adolpho Trony, e do Cunha, o bacharel Venancio da Costa Alves Riheiro, sendo escrivão do processo João Botto Cavalleiro Lobo de Abreu. O Jury compunha-se d'estes individuos:—dr. José Joaquim Manso Preto, Antonio Joaquim da Silva Ferreira, Henrique Ó Neill, José da Costa Santos, José Alexandre, Manoel Maria Pereira da Silva, José da Costa, José Joaquim de Souza Pereira, Manoel Duarte Ariosa, Francisco Lopes Sobral, Julião Nogueira Coimbra

e João José Nogueira.

Na madrugada de 5 de agosto, leu o juíz a sentença, condemnando Diogo a degredo perpetuo por toda a vida para Africa oriental, aggravado com 10 annos de prisão, e Cunha a degredo tambem por toda a vida para Africa occidental.

São decorridos mais de 20 annos. Diogo, Diogo! Diogo foi um dos assassinos da formosa Ignez de Castro nas mesmas terras de Coimbra em 1355, e Diogo era o nome do cruel assassino que do Aqueducto das Aguas Livres em Lisboa precipitára a seus semelhantes no abysmo da morte para os roubar tambem!...

Em fim, Diogo já morreu no degredo e Cunha foi assassinado por causa de umas relações que em Angola adquirira com uma mulher casada...

Pertencem, pois, á historia estes factos; e possa ao menos este recordar do mais espantoso acontecimento de Coimbra durante vinte e seis annos que n'ella vivemos, imprimir n'algum peito em que se aninhe ainda o demonio horrivel da maldade um tanto de salutar exemplo, um *quid* de morigeração e de bons costumes.

Evora.

MEDITAÇÕES

O ULTIMO ARRABIDO

MEDITAÇÕES

O ULTIMO ARRABIDO

A seu mestre e amigo o sr.

LEOVEGILDO A. DA CUNHA

Vou escrever a historia do ultimo frade arrabido. Não, não serei eu quem o faça, que mais eloquente deve ser a voz que se afinou pelos rugidos do oceano nas penedias da Arrabida do que a minha. Escreverá a historia do seu viver no convento, e depois d'elle, o ultimo habitante que teve a Arrabida.

Antes, porém, direi o como houve á mão o precioso manuscriptosinho que vejo diante de mim e que aqui fielmente transcreverei, quanto o consintam os estragos do papel pela humidade a que esteve exposto muitos annos.

Subira eu um dia á Serra da Arrabida por lhe contemplar as bellesas naturaes, por me extasiar na solitariedade d'aquelles tufos de loureiros e de medronheiros e por admirar a amplidão do mar que lhe lambe a base. Percorri o convento novo: ermo, dezerto sem quadros, sem livros, sem vida! Sahi d'elle tomado de tristesa, de saudade por um passado que já não conheci, para ir ver as grutas dos primeiros monges abertas na rocha viva, para reverente conhecer a sella em que frei Agostinho da Cruz tão maviosa e sentidamente cantára da terra e do céo. Poeta, sonhador de um mundo melhor, vidente de um futuro de venturas, quem ha ahi que o não fosse vivendo n'aquella estreita cellasinha? Deixei aquelle lugar, em que a piedade ou a poesia para o sanctificar, erguera a frei Agostinho da Cruz uma tosca estatua, que melhor fôra ser substituida por uma lapide commemorativa, como as muitas que na gruta

de Patane lembram a existencia do grande epico, para vagar sem norte conhecido n'aquelle mar de ondulações de verdura.

Entrei em outra grutasinha mais pequena do que a de frei Agostinho da Cruz, mas não menos vasta para as minhas tristes cogitações. Uma cortiça no chão, coberta de algumas palhas de fresco removidas; uma caveira alvissima posta n'uma cavidade da rocha; um pão duro e uma almotolia n'outra, taes eram os moveis d'aquella habitação! Mas, como estavam alli aquellas cousas decorridos tantos annos? os frades haviam passado e não era crivel que mãos profanas não houvessem desviado aquelles objectos, antes por minha mente passou a ideia de que algum criminoso fugitivo alli se abrigasse de noute, embrenhando-se de dia no mais inaccessivel da matta. Satisfeito com este modo de explicar as couzas continuei a discorrer pelo emmaranhado dos medronheiros.

Depois de haver percorrido alguns metros de terreno, eis que se me offerece a scena mais surprehendente, maravilhosa e poetica que jámais hei visto.

Era uma capellinha, revestidas as paredes por fóra e dentro de verde-escuras he-

ras que não tendo mais por onde subir se debruçavam em grandes prégas de folhagem. A imagem de Christo em marmore, ou jaspe alvissimo, crucificado, a pouca distancia do fundo verde destacava admiravelmente.

Uma estatua de frade, de joelhos, e rezando em um livro no centro da capellinha, dava áquella solitaria ermida uma tal uncção religiosa, um tal colorido de mystico enlevo e respeito, que eu, como automato, sem vontade propria, comecei a desviar-me, brandos os passos, por não turbar a prece de uma estatua!

Qual não foi, porém, o meu espanto, e meu assombro, a minha como que fulminação quando vi mover a estatua, volver a pagina do livro sagrado, curvar a fronte até ao chão! Quasi que tive susto!

E, na verdade, não era uma estatua a que eu via como a de S. Francisco ante o Crucificado, mas um ser humano, vivo, real. Era o ultimo frade da Arrabida.

Não devendo eu profanar os arroubamentos d'aquella alma contemplativa, turvar-lhe com fallas mundanaes o extasis delicioso a que parecia entregue, deixei ermida e solitario, para a sós comigo explicar com

imaginosas conjecturas o viver d'aquelle homem longe do povoado, nas agruras da Serra, no desconforto do ermo, na solidão de deserto.

Tomei por uma veredasinha frequentada, que levava a um recesso de cerrados arbustos, onde apenas o sol repintalgava escassamente o solo, tão densas eram as paredes de folhagem d'aquelle sitio. Penetrei n'elle.

Era um espaço quasi circular: no centro havia uma cortiça quadrilonga que parecia servir de genuflexorio e a um lado uma tosca pedra musgosa.

Sentei-me n'ella e pensei.

Acaso seria a primeira gruta que vi a habitação d'aquelle homem?

Não seria elle, como eu, levado alli por curiosidade? Mas o burel que o cobria? Como explicar este traje depois da extincção das ordens religiosas? Sem duvida um mysterio havia n'aquella existencia, que a minha curiosidade desejava conhecer. Na impossibilidade de explicar o que eu não comprehendia sahi d'aquelle sitio, deixei a matta e serra d'Arrabida tomando por novas veredas, que se dirigiam para o convento novo, e vim para Setubal.

Contei o que vira e observára. Aquelle homem era, de facto, o representante dos eremitas da Serra d'Arrabida. Creado de menino com os frades, que o ensinaram a lêr, alli passára a vida como barbato, ou leigo, e alli se deixara ficar quando o decreto de D. Pedro IV, assignado por Joaquim Antonio de Aguiar, extinguira em Portugal as ordens religiosas. Frei José lhe chamavam os povos de Setubal e de Azeitão, onde de tempo em tempo descia da sua alta serra, para levar algumas provisões indispensaveis á vida, compradas com uns magros cobres que lhe dava a casa Palmella, condoida do solitario eremita da Arrabida.

Tinha alguma instrucção, mas não conhecia o mundo: era um visionario que tudo via por entre a folhagem da sua matta, morada, enlevo, delicias do pobre velho.

E lá viveu sem companhia d'homem, sem conforto, sem abundancia, sem vida! que sem vida era já aquelle arrastar de um corpo myrrhado, desprendido de mundanas affeições!...

—

Um dia falton á compra da costumada

provisão; faltou outro, e outro mais volveram sem que ao povoado viesse o velho frei José.

Tinha ido fazer melhor jornada, buscando abrigo no seio de Deus cujo servidor fôra sempre.

Procurou-se na serra, e lá se achou deitado morto no seu leito de cortiça e palhas, abraçado com uma caveira e meio comido já pelos gusanos das campas...

Que lição tremenda a vaidosos do mundo!...

Meditações

I

Houve um tempo, e já lá vae ha seculos, em que a Europa era dominada por uma ideia santa: a de espalhar a doutrina do Homem Deus, que nivelava grandes e pequenos, ricos e pobres; que levantava os humildes e trazia á altura do homem o potentado da terra.

Apostolou-se, e á sombra do labaro da Redempção combateu-se a heresia. Foi triumphando a sã doutrina do Crucificado, venceu alfim; e esses cavalleiros alquebrados da lucta pelo brandir da espada contra infieis, e vergados ao peso dos annos buscaram descanço, no ermo, delicias na oração, ventura no sonhar de uma vida eterna.

N'esta e n'outras serras floriu o evangelho, deu fructo a ideia de Jesus.

Mas a virtude christã dos primeiros monges, a fé viva, a paciencia e resignação que os guardava devia de ser vencida tambem pelo livre pensar, pela licença, pelo poder da liberdade. Ai! mas que liberdade! Liberdade que destroe sem edificar e cambia os austeros costumes, unica salva-guarda das sociedades, por vida de gozos, fruir de praseres, faltar de promessas, descrer da virtude, dar culto á rasão!

Extinguiram-se as casas religiosas, desappareceu o abrigo do que sem ventura n'ellas buscava a quietação de espirito, a paz, a felicidade.

Era a victoria da liberdade que tirava a liberdade a quem a tinha!

Despediram os frades como prejudiciaes e inuteis; expulsaram-me a mim.

Eis-me só com Deus!

II

Não conheço os homens, fujo do mundo. A ninguem aborreço, mas a ninguem tenho affeições. Anima-me ainda um sopro de vida, fraco e debil como o halito da creança. Sou uma sômbra sem corpo que me produsa: sou um impossivel. Mas existo, porque tu o queres, ó Deus!

«Se pelo largo mar olhos estendo,
se d'estas penedias os penduro,
ora subindo o sol ora descendo.
Certificado mais, muito mais puro
de todo se resolve o pensamento,
que quanto mais deserto, mais seguro.»

Assim pensavas, veneravel Agostinho da Cruz, assim eu te repito pelas agruras d'esta serra, como ha tres seculos dedilhavas no alaude saudoso da bemaventurança eterna.

III

Para que sirvo eu n'este mundo, que não é meu?

Para vosso castigo, homens do progresso. Eu sou o vosso remorso.

Inutil, como nos dizeis, de que me servira o vosso contacto, homens da politica? Para que vos prestára eu?

Deixai-me admirar este ceo formoso, e contemplar no rugir do oceano, que, lá vejo em baixo, o bramir de vossas paixões, o tumultuar de vossos peitos ambiciosos.

Dai-me um pouco de pão e azeite, que pescado me dá o mar e fructos o medronheiro.

Não me interrogueis; deixai-me redemoinhar por estes penedos, como a penna ao capricho dos ventos: eu baixarei á terra e n'ella descançarei, quando o sopro de vida me não agitar mais.

Por estas penedias, saudoso dos meus, feliz vivo, de olhos fitos no ceo.

«D'aqui mais saudoso o sol se parte;
d'aqui muito mais claro, mais dourado,
pelos montes, nascendo, se reparte.
Aqui sobre o mar dependurado
um penedo sobre outro me ameaça
das importunas ondas solapado.
Duvido poder ser que se desfaça

com agua clara e branda a pedra dura
com quem assi se beija, assi se abraça.
Mas ouço queixar dentro a lapa escura,
roidas as entranhas apparecem
d'aquella rouca voz, que lá murmura.
E, por cima da rocha crespa descem
os troncos meio sêccos encurvados
eis sobem os que n'elles enverdecem.
Os olhos meus d'alli dependurados;
pergunto ao mar, ás plantas, aos penedos
como, quando, por quem foram creados?

Assim cantavas, veneravel frei Agostinho da Cruz, assim eu te repito pelas agruras d'esta serra, como ha tres seculos vibravam as cordas do teu nebel mavioso.

IV

Tudo me levaram os reformadores sociaes.

Nem livros me deixaram! Nem ao menos essa companhia, as fallas, o trato com mortos...

Até o habito me prohibem! oh! ma

este não, não deixo eu.

É a minha mortalha.

Profanastes o templo, derrui-lhe a fabrica, despedaçai-lhe as imagens, iconoclastas modernos.

Arrazae tudo até aos fundamentos!

D'ora avante cá me virão despertar do mal dormido somno os gorgeios das aves para a prece da manhã; o sol no zenith me indicará a do meio dia e o bramir das ondas a de cada hora.

Pela campa que tangia, ficaram-me os trilos dos passarinhos; pelos livros, leio no ceo, na terra e no mar, e por estatuas ficou-me a do Ente Supremo no sacrario de meu peito.

V

Estorce-te ambiciosa, reserve apaixonada rainha do occidente. D'aqui vejo esse Tejo em que te retratas e conheço a vossa inferioridade.

O que és tu, cidade dos palacios, morada do orgulho, habitação da vaidade, o que és tu em comparação d'esta erguida serra? Um tremedal de podridão.

É mephitico o ar que respiras, é viciado o pão que te alimenta. Tudo em ti é corrupção.

Aqui, purificam-me os ventos do céo o ar que me dá vida, alimentam-me sazonados fructos, estou mais perto das alturas, achego-me ao throno do Deus de minhas crenças.

O mar que reflécte esta serra, é como a eternidade para os seculos, em comparação d'esse Tejo aurifero.

Tudo aqui é magestoso, tudo aqui é grande, em tudo aqui ha Deus!

VI

Chamae-me louco, chamae, vós outros que vos dizeis ajuizados. Ai! loucos sois vós, que tendes a razão entibiada para o bem.

N'essa Gomorrha, maldita do céo, chocam-se vossas paixões com fragor horrivel, e o vingativo raio de vossa ira fulmina o innocente. Adorais o demonio da cubiça.

Cá na minha serra, que topeta com as nuvens, tambem estas se fremem em volta

e por cima de mim; tambem a faisca electrica sinúa no espaço a lingua de fogo, mas não me fere: escacha o loureiro, lasca a penedia, fende o solo que pizo, mas não me toca! É que Deus é bom como o não sois vós e conhece a minha innocencia; e se vos não fulmina a vós, elle julgará vossas acções no tremendo dia. Aparelhae-vos, aparelhae.

Eu nada possuo; eu nada cubiço.

VII

Morte, alva caveira que a representas, a ti quero, a ti estimo eu, minha companheira silenciosa.

E eu que me julgava sem ambição! Perdoa-me, oh Deus! Perdoa-me a falta involuntaria!

Pois a quem hei de eu querer n'esta solidão se não a ti? comeu a terra os olhos que se volviam n'essas orbitas, deliu-se, corrompeu-se, aniquilou-se a massa geradora de pensamentos que te habitava; evaporou-se, sumiu-se a essencia divina que lhe dava acção; nem os labios subsistem! Tudo volveu ao nada!

Só tu existes para escarneo dos homens, só tu existes para minha companhia, para me lembrar continuamente o meu fim proximo, o meu nada.

Esta cabeça, que pensa, sente e quer hoje, será amanhã caveira como tu!

Eis a sorte que vos espera, orgulhosos do mundo!

VIII

Haveis rasão em me julgardes inutil. Como este loureiro que de anno para anno tem perdido os ramos, á falta da seiva vivificadora, assim definho e me curvo para a terra: hemos de tombar ambos.

Não mais me darás sombra, não mais te buscarei nos dias calmosos. Não mais!...

És, porém, mais util na ordem natural: deixas uma prole immensa de loureiros novos, que um dia ensombrarão estes logares, e eu baixo á campa, volvo ao nada e não deixo quem me represente! Sou, pois, um impossivel social!

Mas, ó Deus, que no quadrante dos seculos me aponte o gnomon a ultima hora!

Mas, perdoa-me, perdoa-me ó Deus, se

aberrei teus preceitos. Déste-me o livre arbitrio e a liberdade, usei d'ella em teu culto de puresa. Perdoa-me, ó Deus!

IX

Bem hajas do Creador, ó tu que me ensinaste a lêr e a escrever: o Ceo te pague o bem que me fizeste.

Ao menos escrevo.

Mas, que noute que ahi vae para fóra! Que escuridão! Que frio!

Ribomba o trovão por estas grutas, ronca a meus pés o mar embravecido, resoam lugubres e soturnamente as cavernas, a luz sulphurea do relampago fende a densa treva que me cerca, o raio coruscante estala em volta de mim as arvores! E eu sem companhia d'homem!

Tremo... sinto coar-se-me no corpo um frio algido, não me pulsam as arterias... Jesus!.....

.....

Ha oitenta annos que não vejo assim uma tempestade na serra da Arrabida.

Que horrisonos estampidos!

Que magestade assustadora!

Semelha um *de profundis clamavi* da natureza este bramir da tormenta, parece o derradeiro dia do mundo, parece o meu ultimo dia!...

Assim terminava o caderno das considerações do solitario da Arrabida.

Este manuscripto é para mim de muito valor, não pelo elevado dos conceitos, bellesa da forma ou manifestação de muito saber, mas pelo singelo queixar de um velho para quem o ascetismo da vida que escolhera foi na terra a sua ventura.

Bem vejo eu os muitos preconceitos do solitario; mas, como a felicidade só existe na terra no pensar individual, o bom de Fr. José bemdigo, que fugindo sempre ás tormentas da vida, fruiu na terra a paz do espirito, esse eden por tantos antevisto e por mui poucos gosado; e, viador de um mundo que não conheceu, deve repousar na mansão dos justos, como justo que foi na terra.

Evora.

D. IZABEL JULIANA DE SOUZA COUTINHO

(ESBOCETO ROMANTICO)

D. IZABEL JULIANA DE SOUZA COUTINHO

1768 a 1777

Na calmosa tarde do dia 3 de Julho de 1772, coberto de pó e de suor chegava ao chafariz das Bravas, na antiga estrada de Lisboa a Evora um romeiro, novo ainda, e de nobre aspecto.

Não o cobriam andrajos, propriamente ditos, mas umas vestes meio decentes. Uma barba loura e crescida e cabellos compridos da mesma côr davam a seu rosto um tão singular tom de nobresa, que bem dissera ao vel-o qualquer pessoa não ser elle um desgraçado faminto e doente, que para se alimentar esmolava o pão negro da caridade em terras do Alemtejo. E não lhe seria facil attingir a qualidade de desgraça, que parecia havel-o ferido.

O mendigo sentou-se proximo do chafariz, descançou um pouco, mitigou a sede na veia corrente da bica, e retomou sua marcha pausada para a cidade. O sol decahia

para o poente e já se escondera por detraz do Alto de S. Bento, o ponto mais culminante junto de Evora. Quando chegou á portaria do convento de N.ª S.ª dos Remedios de Carmelitas descalços soava o toque das *ave marias* na cathedral, logo repetido pelos demais campanarios de conventos e de igrejas.

Dois frades d'aquelle convento, depois da prece da tarde, que o mendigo lhes viu fazer, iam a entrar n'elle quando o pobre caminhou para elles, e, descobrindo-se, lhes disse:—Hajam vossas Reverendissimas muito boas tardes.

—Alegres as tenha, irmão, responderam os dois carmelitas.

—Podeis dizer-me por favor onde fica o convento do Calvario?

—Entrae essa porta da cidade que vêdes em vossa frente, subi a rua, e quando chegardes a uma praça no extremo d'ella pedi n'esse local a alguem que para elle vos encaminhe. Tambem podeis costear esta muralha, e quando topardes outra porta entrae por ella, que o convento que buscaes o primeiro é á vossa direita.

—É a primeira vez que vindes a Evora? perguntou o frade que lhe respondera, cu-

rioso e desconfiado de um mendigo de tão polidas phrases.

—A primeira é, respondeu seccamente o romeiro, atalhando assim as mais perguntas que se lhe podessem fazer e a que não poderia ou não quereria responder.

Despedindo-se cortezmente dos frades o mendigo tomou a direcção indicada, e, segundos depois, sumia-se pela Porta de Alconchel.

Os dois carmelitas fixaram-no em quanto o poderam observar; e, depois de breve e santa murmuração, entraram no convento.

O mendigo, ou romeiro obedeceu á indicação do carmelita e lá foi ter ao convento do Calvario da Ordem de S. Francisco. Era noute cerrada quando chegou á portaria que, pouco antes, se fechára.

Não podendo fallar a pessoa alguma d'aquella casa religiosa, deliberou torneal-a uma e mais vezes, parando de espaço a espaço a olhar para uma ou outra janella ou fresta onde claramente via luz. O sino do convento tocava a completas.

Ermas são aquellas ruas em volta do convento pouco depois do escurecer, especialmente para fóra da Porta d'Alagoa, onde o convento assenta sobre a muralha antiga da

cidade e tem mesmo um mirante em uma das torres da muralha Fernandina. Ninguem attentaria no romeiro. Encaminhou-se para a porta da igreja, onde se poz a escutar. Imperfeitamente ouvira o abrir da porta do coro, o reunir das freiras, o começar das rezas. Era todo attenção o joven romeiro; e direis, ao vel-o assim cosido com a porta da igreja, antes ser uma especie de cariátide d'ella do que um homem na flor da vida, todo elle força, todo vigor e sentimento.

Ou fosse porque receiasse poder ser apontado e suspeito por alguem que assim o visse na culposa posição de arrombador da igreja, ou porque a seus ouvidos nem indistinctamente chegasse o som de uma voz conhecida das que no coro se elevavam em preces a Deus, o romeiro afastára-se lentamente para continuar a começada peregrinação em volta do convento, como se algum voto andasse cumprindo.

Provavel, se não certo é desejar o leitor saber quem será tão estranho e silencioso personagem. Não serei eu quem lh'o diga, mas a continuação d'esta breve narrativa, se lhe prestar a attenção que deve.

Parando de espaço a espaço a contem-

plar a vidraça illuminada de uma ou de outra cella, muitas voltas déra ao convento o mendigo singular.

Adiantara-se a noute, tudo era silencio n'aquella parte da cidade; soava meia noute na cathedral. Ao fixar mais attentamente uma janella illuminada na parte mais alta do convento que olhava para fóra da muralha o romeiro começou a recitar em voz pausada mas bastante audivel estes versos:

Por alivio buscar a pezares
estas vastas campinas andei,
como o nauta perdido nos mares,
té que alfim n'este ponto varei.

Mas se a esp'rança que as magoas acalma
nem ao menos me quer consolar!
nem ao menos no ceo de minh'alma
uma estrella desponta a brilhar!..

Densas trevas da noute sombria
dentro em breve fugidas serão,
surja pois no meu peito a alegria,
dia seja no meu coração:
appareça sequer um momento,
mostre a face do triste palor,

seja o astro que afaste o tormento
d'este pobre romeiro d'amor.

Por entre as grades e vidros da janella de alta torre apparecera um vulto de mulher vestida de branco. Era a estrella d'alva, que apparecia no ceo do soffrimento do moço peregrino.

II

O enviado de El-Rei D. João V ás cortes de Inglaterra e de Vienna d'Austria, Sebastião José de Carvalho e Mello, que mais tarde foi primeiro Ministro de D. José I, conde de Oeiras e Marquez de Pombal, se não descendia da primeira nobresa do reino. não tinha tambem por ascendentes nenhuns maltrapilhos. Mas aspirava á nobresa, aos titulos, aos grandes haveres.

Homem sem duvida de vigoroso talento fôra para ser mais admirado ainda na posteridade se não manchára com crueldades grandes as manifestações de seu genio. As execuções de Belem, a morte de Malagrida, a de Pelle e a alçada do Porto são indeleveis nodoas de sangue no seu nome e reputação. Se conseguira, como conseguiu, deprimir e

abater a nobresa em favor das classes medias e industriaes, que poude elevar, não se esquecera, por uma bem entendida cautella de se elevar elle e os seus ás alturas dos que despenhava. Assim, um dos seus cuidados principaes foi o de se aparentar com o mais azulado e puro sangue do reino, buscando nas mais nobres e ricas familias alliança e casamentos para os filhos.

Para seu segundo filho, José Francisco de Carvalho e Daun, primeiro conde da Redinha e progenitor das casas d'aquelle titulo e da de Pombal, contratára elle o casamento de D. Isabel Juliana de Souza Coutinho, filha de D. Vicente de Souza Coutinho, representante de Portugal em Pariz pelos annos de 1768. (1)

Quem se opporia á vontade ferrenha do Marquez de Pombal, que abatera a nobresa principal do reino na praça de Belem, e que podia perseguir e decapitar mesmo o rebelde que lhe não acceitasse as deliberações? Ninguem, dirá o leitor; e, todavia,

(1) No primeiro de março d'este anno dá parte para França d'este casamento Mr. Simonin. Corpo Diplomatico tomo 7.º pag. 303.

engana-se formalmente. Resistiu-lhe uma menina, a pretendida esposa de seu filho José Francisco, Isabel Juliana de Souza Coutinho.

Tinha Isabel quinze annos ao tempo em que se ajustara o seu casamento. Quinze annos! Idade de illusões, de phantasias doiradas, de ventura em todas as condicções da vida. Idade do desabrochar da rosa, do exhalar aromas de juventude e do receber em troca o primeiro beijo da borboleta que lhe pousára no calix semiaberto. Quinze annos! Magica idade! Quem ha ahi que não volva um olhar saudoso para os seus quinze annos, que para mais não voltar se afundiram no abysmo do preterito?

O coração de Isabel desabrochara para os beijos do amor; e, como a rosa no roseiral, havia já sido beijada pela affeição do homem, que primeiro se ennebriára com seus aromas. Isabel amava, e não era ao filho do ministro de D. José I. Mas, escondera sempre cautelosamente o seu amor.

O casamento com o filho do Marquez de Pombal celebrára-se. Obediente á vontade paterna Isabel obedecera: obediente á sua propria vontade, aos dictames de seu coração, Isabel reagira, desobedecera. E como?

Negando-se durante dois annos, em que viveu com o esposo em casa do Marquez de Pombal ao trato intimo, á reciprocidade de affectos, á cohabitação!

Exasperado o Marquez com semelhante proceder de Isabel determinou conseguir d'ella para o filho por meio da violencia o que por expontanea cedencia do coração não alcançava.

Mais uma victima ia ser immolada á despotica vontade do celebre Ministro. Ordenara a reclusão d'ella em convento de austera Ordem, onde as rezas, os jejuns, as mortificações e o isolamento constrangessem a donzella a dar ao esposo, como dizia Camões.

«O que deu para dar-se a naturesa.»

Vae, nobre victima de puras affeições, de castissimos amores, vae exorar ao Deus de bondade, que te mantenha inabalavel n'alma a vontade de não mercadejares affectos. Soffre, rola viuva do esposo de teu coração, soffre na clausura do convento, abraçada á cruz de Christo, e que é bom Pae dos bons como tu, e crê e espera. Se a cruz redimiu o genero humano tambem te

BIBLIOTECA PUBLICA E ARQUIVO DISTRITAL EVORA

pode redimir a ti, pobre naufraga no mar de contrariedades, segura á ancora da Esperança. Pode passar a borrasca, dissipar-se o negrume, raiar o sol da ventura nos encapellados mares de teu virgem coração. Crê e espera.

Não podia passar despercebida aos olhos do prespicaz Ministro a causa da reluctancia de Isabel. Amava esta a outro homem.

Quem seria, porém, o audaz que se atrevera a cravar um prégo na roda da fortuna de Sebastião José Carvalho e Mello? Debalde o procura durante dois annos por si e seus agentes! Escapara-se-lhe sempre, como nunca podera arrancar do peito da joven herdeira o mais breve ai comprimido, surprehender o olhar mais disfarçado, ouvir a mais figurada confissão. Isabel fôra durante dois annos a imagem da resignação meiga, do estoicismo amoroso, da religião do sentimento!

É que fora imprudentissimo o mais leve descuido. As masmorras da Junqueira lá estavam de portas abertas para receber victimas ao mais pequeno signal do rei de facto, como a jaula escancarada do leão faminto nos circos da antiguidade, para despedaçar e engulir christãos.

Dois annos decorreram mais, e, perdidas as esperanças de se consumar o matrimonio, foi este annullado em 16 de julho de 1772. (2)

III

Expirára em Lisboa El-Rei D. José I, em 23 de Fevereiro de 1777. Baixava ás sombras da morte o nada, raiava nas trevas do peito de Isabel o sol da vida. Era de crepes o manto da realesa; caía, feita pedaços, a estatua do despotismo ministerial. Sacudia para longe as cadeias o liberto, e entoava um hossana de liberdade a martyr. O amante de D. Isabel Juliana de Souza Coutinho já tinha um nome e esta heroica fidalga já o proferia sem receio.

Eclypsara-se a estrella do Marquez de Pombal! Reinava D. Maria I.

D. Alexandre de Souza, que tal era o amante romeiro, o mendigo do chafariz das Bravas, ia, finalmente, esposar a filha de

---

(2) Veja John Smith—Memorias do Marquez de Pombal, pag. 221, trad. de J. M. da Fonseca e Castro. —Le Marquis de Pombal, por Francisco Luiz Gomes, pag. 249.

Vicente de Souza Coutinho, a fidelissima enclauzurada do convento do Calvario de Evora da ordem de S. Francisco, e o filho de Sebastião José de Carvalho buscava uma esposa na disimada familia dos Tavoras, que seu pae privára dos principaes membros e até do nome! Notavel contradicção esta do perseguidor dos nobres!

Casaram ambos os dois separados esposos: José Francisco de Carvalho e Daun com uma Tavora, de quem descende o actual Marquez de Pombal, e Isabel Juliana de Souza Coutinho com o dilecto de seu coração D. Alexandre de Souza, com o que bem se pode dizer:=o casamento e a mortalha no ceo se talha.

Evora.

BREVE MEMORIA DESCRIPTIVA

DO

CONVENTO DE S. MARCOS

A DUAS LEGOAS DE COIMBRA

BREVE MEMORIA DESCRIPTIVA

DO

CONVENTO DE S. MARCOS

A DUAS LEGOAS DE COIMBRA

I

Era o dia cinco de maio de 1449.

Dos paços acastellados do nobre duque de Coimbra, D. Pedro, brilhante cavalgada saía de fidalgos portuguezes, seguidos de alguns milhares d'homens de armas de pé. Ledos e contentes pareciam no sembrante, como risonha era toda Coimbra n'aquelle mez de aromas de laranjaes em flôr, de murmurios suavissimos do Mondego, de amorosos descantes dos rouxinoes das margens.

Á frente do troço de cavalleiros florejava a bandeira do Regente de Affonso V, o mui esforçado Ayres Gomes da Silva.

E a cavalgada adiantava-se na ponte, dobrava sobre o Almegue e sumia-se pouco a pouco alli, na curvatura da estrada de Lisboa, sobre S. Martinho do Bispo, Antanhol e Sernacho dos Alhos.

Quem attentasse no rosto d'aquelle guerreiro, leal a D. Pedro, quando volvia um olhar de amor e de saudade para a formosa Coimbra, onde lhe ficava a querida de seu coração, D. Brites de Menezes, divisaria n'elle um breve sorriso, em que teimavam intrometter-se uns longes de tristesa significativos...

Que sombria côr fosse aquella não haveria alli quem o dissesse ao certo. Seria o roxo da saudade ou a pallidez da morte?...

E a gente de armas do duque de Coimbra avançava para Lisboa, onde o filho de D. João I pretendia mostrar ao rei, á nobresa e ao reino, consciencia limpa, animo resoluto, heroicidade admiravel.

Mas, lá se rojava, espumando inveja, o demonio da intriga aos pés do moço Affonso V! Lá lhe segredava imaginosas intenções no thio, hostis ideias de ambição, falsas rasões de máo governo de estado.

E o vencido vinte e sete annos depois na batalha do Toro pelas forças de Castella, á frente de numeroso exercito saía de Santarem, onde se achava, ao encontro do homem, que lhe dera lições de reinar e uma filha virtuosa em D. Isabel, por consoladora de seus desgostos e mãe de seus filhos...

O duque de Coimbra levava amigos nos fidalgos, vassallos fieis nos peões, dedicação e amor em todos aquelles peitos: Affonso V trazia vingança e odio no conselho dos nobres, coacção nos terços mercenarios, indifferença em todos os animos.

Violento foi o choque d'aquelles homens nas margens do Alfarrobeira, a quatro leguas de Lisboa.

O homem que marchava sobre a capital do reino, para n'ella se justificar de falsas arguições, foi condemnado, antes de ouvido, pelo rei de dezesete annos, e morto n'aquelles plainos com Alvaro Vaz de Almada, com outros muitos e com Ayres Gomes da Silva...

E Affonso V volvia triunfante a Lisboa, involto nos pollutos arminhos da realesa.

II

Ser humano! Quem ha ahi que te comprehenda? quem para explicar a harmonia de teu composto? quem o porquê de teus presentimentos?

Na tarde do dia vinte e dois de maio duas nobres damas assomavam ás erguidas janellas dos paços do duque de Coimbra:

ambas môças e lindas, ambas cuidadosas, ambas tristes...

O sol que no horisonte se escondia por detraz dos outeiros de S. Silvestre e de Tentugal beijava as vidraças coloridas do acastellado palacio, contrastando singularmente em seu brilhar tremelucido com as desbotadas faces d'aquellas damas.

E o astro creador completara o seu occaso, succedendo-lhe aquella penumbra melancholica e scismadora, prenuncia da noute, aquella cambiante de luz graduada, que separa o dia da noute.

Soava na Cathedral de Affonso Henriques o toque das *ave marias*.

E a mais joven d'aquellas mulheres, de mãos postas exclamou:—*Angelus Domini nuntiavit Mariæ—Et concepit spiritu sancto*, respondeu a mais velha.

—*Ave, Maria*, disseram ambas, e depois resaram.

Quando o derradeiro echo da ultima badalada de todo se perdeu alem detraz do Monte de Santa Clara, o ruido do tropear de um cavallo a toda a brida sobremodo sobresaltou as duas senhoras.

Pouco depois, um cavalleiro subia a Couraça de Lisboa a galope, vestindo armas,

viseira caida, plumeiro negro ondeante.

Era o mensageiro da morte do duque de Coimbra e de Ayres Gomes da Silva.

Estavam de luto uma filha e uma esposa...

III

Havia decorrido um anno. O que seria o conquistador de Alcacer Ceger, e de Arzilla e de Tanger, o cognominado mais tarde *Africano*, principiava a perdoar e a restituir os bens confiscados para a Fasenda Real, aos implicados no caso desastroso do nobre duque de Coimbra.

As villas de Tentugal e de S. Silvestre, e a Ermida de S. Marcos foram restituidas á viuva de Ayres Gomes da Silva, cujas fora senhor, e concedida licença para n'aquellas terras fundar um convento de Jeronymos.

Intercedera para com el-rei a bella filha do morto duque, a rainha D. Isabel, que para Lisboa partira de Coimbra com D. Brites de Menezes, sabido alli o caso triste. (1)

---

(1) Ruy de Pina diverge de Siguença n'esta parte,

Bellos tempos de fé viva, de crença robusta e de piedade eram aquelles!! Surgiam como por encanto da terra os mosteiros e os conventos, tocada da magica varinha da religião. E se aos olhos da philosophia essas edificações teem sido alcunhadas de inuteis, nunca jamais o serão de abrigo bonançoso de almas atribuladas, que fugiam o tumultuar mundano para a deliciosa concentração do espirito na adoração do Ente Supremo.

D. Brites de Menezes, de passagem pela Villa da Arruda para suas terras de Coimbra levava comsigo um religoso de S. Jeronimo do Matto, Fr. João Velho, a quem confiára a fundação da nova casa, que no sitio da Ermida de S. Marcos, cercanias de Coimbra e a cavalleiro de S. Silvestre, de-

---

e com mais acerto, pois mais proprio é natural é que a rainha estivesse em Santarem com o marido do que em Coimbra com seus paes. Do mesmo modo sendo D. Brites de Menezes aia da rainha, mais provavel é que com ella estivesse, ainda que poderia estar em Coimbra áquelle tempo. Isto, porém, não altera em cousa alguma a historia da fundação do convento de S. Marcos, que não é demasiado clara, antes algum tanto confusa.

terminara erguer aos servos de S. Jeronimo. (2)

IIII

No anno de 1451 se deu principio ao convento, sob a invocação de S. Marcos, cujo orago fôra a Ermida.

Não se pode dizer ao certo quando concluiria aquella edificação por forma que podesse receber aos filhos do grande Doutor da Egreja, porque a Ordem de S. Jeronimo não teve chronista em Portugal, que miudamente nol-o dissesse.

A não suppormos a porta principal da Egreja feita depois de concluido o convento, devemos antes crêr que as obras correram vagarosamente, pois que só quarenta e nove annos depois do em que se lhe lançára a primeira pedra, aquella lindissima portada fôra acabada. Em gothico quadrado se lê sobre ella:

Era d mil d...x se fez esta porta.

Cento e quarenta e cinco annos depois, a

(2) Veja Siguença—*De la historia de la orden de San Geronimo*, parte 2.ª pag. 542.

ajuizarmos pelas breves inscripções eguaes postas de um e de outro lado do arco da capella mór, foi aquelle alindado de lavores. Dizem ellas:

Anno de 1696

Em 1843 era possuidor d'aquelle convento e cerca, José Joaquim Pires de Abreu, o qual diz que mandou reedificar a Egreja, e convento talvez, porque ordenara se embutissem de ambos os lados da porta principal duas pedras com estes dizeres:

Lado esquerdo:

iozeioq^m^ pires abreu cavalleiro da antiga emuito nobre ordê, torre e espada, valor, lealdade, emerito eda ordê: de christo, fes reidificar, no anno 1843.

Lado direito:

iosephus ioachimus pires abreu, antiquet noblissimi ordinis turris=gladii, virtutis fidei ac meriti, et christi militiae etiam eques, eam restituendam curavit anno salutis MDCCCXLIII.

Foi, portanto, a fundadora do convento de

S. Marcos, D. Brites de Menezes, viuva em segundas nupcias de Ayres Gomes da Silva, filho do copeiro mór de D. João I, João Gomes da Silva; e, de um epitaphio em campa rasa n'uma das capellas da claustra se deprehende que Diogo Soares de Albergaria e sua mulher, D. Beatriz de Vilhena dotaram grandemente aquella casa, reinando D. João II. Diz assim:

esta capella derã pera
sepvltvra. a dº soarez da al
bergvaria aio e mordomo
mor delrei dõ ioão 2 sédo
pricipe e a sva molher dona
beatriz de vilhana por hvm
mui rico e svmptvoso most
q desta ordẽ começaram qve
se não acabov o qval em se'
testamentos deixarã erdei
ro de todas svas rẽdas de q
esta casa tem....falecerão
na era de..73.

Havemos seguido ao chronista de S. Jeronimo em Portugal, Siguença=*De la Historia de la Orden de Sam Geronimo* 2.ª parte, paginas 542, e a João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*.

Manifesta, porém, Jorge Cardoso, no tomo 2.º do seu *Agiologio Lusitano*, contraria opinião, baseada no epitaphio de João Gomes da Silva, pae de Ayres Gomes da Silva, que diz ter existido no convento de S. Marcos, com estes dizeres:

> *Aqui jaz o mui hõrado, & nobre caualleiro João Gomes da Silva, rico homẽ, Alferes mor del Rey D. João I. e seu copeiro mor, do seu conselho. Foi com elle na batalha real, & na tomada de Ceptа, i edificou este mosteiro da Ordem de S. Hieronimo, á honra de São Marcos. Falecco a 26 de Mar ço E 1445. an.*

Infere, portanto, Jorge Cardoso que mais antiga é a fundação, visto que no anno de 1445 falecera o copeiro-mór. (3)

Faltavam, haverá cinco annos, dois epitaphios n'aquella Egreja de S. Marcos, ê certo, podendo um d'elles ser o de João Gomes da Silva; e, n'este caso, é sem duvida mais antiga aquella edificação.

---

(3) Veja *Agiologio Lusitano*, tomo indicado no texto.

Mas, será aquelle convento fundação do pae de Ayres Gomes da Silva e não da viuva d'este, ou poderá ser feitura da piedade de D. Affonso V?

No Codice $\frac{117}{1-12}$ da Bibliotheca Pnblica de Evora, na parte que trata dos Silvas, diz aquelle Nobiliario, fallando de João Gomes da Silva:

«Jaz sepultado no mostr.º de S. Marcos da ordem de S. Jrm.º, que el Rei mandou fazer.»

A ser verdadeiro o epitaphio de João Gomes da Silva, morto em 1445, e não sendo ainda rei n'este anno Affonso V, que só em 1447 começou a reinar, é claro que se não poderá dar grande peso áquelle dizer do Nobiliario. No entanto aqui fica similhante opinião para melhor poder ser aquilatada.

Concedendo, porém, que o fundador fosse João Gomes da Silva, estranhamos, sem, comtudo, podermos pôr em duvida a existencia d'aquelle epitaphio em S. Marcos, que Jorge Cardoso pergunte pela rasão que houve para não ser alli sepultada D. Brites Menezes, sendo-o seu filho João Gomes da Silva, ou, melhor, João da Silva.

Foi mal informado o illustre antiquario.

Lá repousa aquella senhora do lado do Evangelho, proximo do altar mór, com este epitaphio no tumulo, metido n'um arco, em que avulta um corpo de mulher, vestida de freira, com um livro na mão esquerda e com a direita mutilada:

aqui iaz.dona britiz.de menezes.mo
lher.daires.gomez.da silva.governador.
que foi.de lixboa.aya da esclarecida.
rainha.dona.izabel.molher.de elrei.dom
afonso.o qvito.edepois.o foy tambem =
de seos.filhos.ate.qve se.recolheo:
a este moesteiro.de sãmcos.onde.a mor
parte.dele fez.easi.das rendas.dotov.

Ha n'este tumulo um brazão de armas bipartido com o leão dos Silvas, e em campo sem emblema nenhum, as dos Menezes.

N'aquella egreja descançam tambem seu marido e seus filhos, João da Silva e Fernão Telles de Menezes como adiante o mostrarão os epitaphios, jazendo ainda em Evora, na capella mór da Egreja dos Loyos, a filha D. Isabel, mulher de D. Rodrigo de Mello, conde de Olivença, em campa rasa, com este epitaphio em gothico quadrado em volta da campa, que no centro tem gravada a figura d'aquella senhora:

Aqui : jaz : a muy :

vertuosa : senhora : Isabel : de : menezes : condeça de :

olivença : esposa :

aos : doze : dias : do mez : de agost.º : d : mil : CCCCLXXXII annos :

O quarto filho, Margarida, devia ter sido sepultada no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, cujo fora Abbadessa.

Depois do que fica exposto, parece-nos incerto o anno e o fundador do convento de S. Marcos juncto de S. Silvestre, a duas leguas de Coimbra.

V

Descrevamos agora o que resta d'aquelle convento erigido ao filho de Stridon, e grande escriptor immortalisado na *Vulgata*.

Em uma eminencia, por detraz da antiga Villa de S. Silvestre a duas leguas de Coimbra está situado o convento de S. Marcos. Como nos tempos gentilicos, d'alli podiam ver os frades o ceo por todos os lados e as terras propinquas.

Coimbra, remirando-se nas aguas do Mondego, lhe fica a nascente: o vasto campo de Coimbra desde esta cidade até Montemór-o-Velho, cujo castello lá avulta denegrido no extremo, se estende pelo sudoeste: ao norte eleva-se no horisonte a parte mais erguida da Serra do Bussaco, e a ponente demoram Tentugal, Cantanhede, mais ao longe Mira e degois o mar.

Entre quatro arvores annosas, levanta-se á entrada do convento a da Redempção, n'um cruzeiro elegantissimo.

No vasto pateo divisamos á parte esquerda as hospedarias do convento, bem conservadas ainda, e ao direito as arruinadas paredes do convento, presa das chammas haverá quatorze annos. Em frente a porta da Egreja profanada. Entremos.

Tanto de um como de outro lado bordam a egreja elegante muitos tumulos de singela structura alguns, de custoso e delicado lavor muitos d'elles.

Ao lado da Epistola o primeiro que topamos é o de Ayres Gomes da Silva, com este epitaphio e com a divisa:

Aqui.iaz. omvi. nobre. e virtvoso. barã. ayres.gomez.da silva governador.que.foi.de lixboa.faleceo.em. Idade d.55.anos.25. de maio.de.145.

Entre uns lavores, que parece representarem umas argolas, lê-se esta divisa:

tardant dezir

Segue-se o tumulo de Gonçalo Gomes da

Silva, morto em Evora em 1424 e para alli trasladado em 1572, com este letreiro, que lhe mandou gravar o regedor Lourenço da Silva:

aqui iaz o bom cavalleiro gonçalo gomes da silva
leal servidor e vassallo do mvi nobre rei dõ
iohão I o qval por honra e prol destes rei
nos servindo em mandado de sevseñor
foi a roma em mesatem e tornando dalo
dada sva resposta acabov sevs dias em
Evora. X. dias de dezembro era de 1424
annos cvivs ossos mandou aqvi
tresladar o regedor lco da silva
sev sexto neto no ano de 1572.

Depois d'este existe o sumptuoso moimento de João da Silva, tendo em alto relevo a assumpção da virgem nos muitos lavores, que o exornam, com este dizer em inclusas e conjunctas de não prompta leitura:

assumpta est Maria in divum (4)

Este tumulo é um dos mais custosos, não

(4) Lemos *divum*, mas talvez o não seja e se deva lêr *deum*: DIV.

só pelo material mas pelo grande trabalho artistico que tem.

Diz d'este modo o epitaphio:

Se. de fee. virtvde esforco. e prvdencia. na paz e na gvera qvisere os | vivos. imitacã. tem. aqui. hv. claro. espelho. em. ioã. da silva. filho. de aires | da silva. e de. dona gviomar de castro. sva molher. qve no cerco. segv | do. de arzila na tomada. dazamor. e. na batalha. de sestafeira. de endoe | cas. fez. notaveis. covsas. e nellas mostrov. ser. o chefre. da nobre | antigva. e. esforcada. geracã. dos silvas foi. regedor. das ivsticas | destes reinos. qvareta annos mvito. a servico. de ds. e cõtentamento | de tres reis. e do povo. faleceo. em. lisboa. cõ mvi. certos. sinaes. de sva | salvacã. de idade. de. 75 anos. aos 11. dias dagvosto. de. 1557. e assi. iaz | cõelle dona ioana. de castro svavnica. molher. filha do segvndo | conde. da feira. hva. das mais honradas. e valerosas. srãs de sev. tenpo.(5)

Na capella mór e juncto do altar jaz o conde de Aveiras, senhor de Vagos, Luiz da Silva Tello, com este epitaphio em letras romanas maiusculas:

Aqui iazem os ossos de luis da silva tello regedor

---

(5) Não dando a largura da pagina lugar a que este epitaphio seguisse em todo o comprimento de suas linhas, fizemol-o compôr seguido, designando um | o final de cada linha.

das ivstissas conde de aveiras senor de vagos alcaide mro da cidade de lagos gentilhomem da camara de sva magd. elrei d: pedro 2.º e os de sva molher d . ioanna portv gal os qvais se tresladaram do pavimento desta capela mor em q forão sepvltados pera este lv gar a q sev filho o conde de aveiras ivão da sil va os collocov no anno de 1699. . . . . .

Defronte jaz a fundadora do convento, segundo Siguença, D. Brites de Menezes, cujo tumulo já fica mencionado.

Segue-se já da parte do Evangelho o sumptuoso tumulo de um filho de Ayres Gomes da Silva e de D. Brites de Menezes, João da Silva. Dois africanos sustentam nas mãos esta inscripção:

per esta letra saberes que fidalguia saber animo esforçado fizeram este cujos ossos | esta tam pequena pedra cobre dino de perpetua memoria filho foy do muy e prudente | ayres gomes da silva governador de lisboa e da muyto vertuosa e dyscreta dona | britiz de menezes joão da silva foy seu nome cavaleyro muy estimado linha | gem dos principes romãos seus merecimentos o fizeram em muitas ace | sas batalhas capitão foy gerall del rey dom pedro nas guerras dara | gão e despois camareiro mor e do concelho delrei dom João o segundo e delle muyto amado e presado | estando na fronteira do diana por capitão por onra de seu rei defemsão da patria ainda ofereceo | a fortuna daqueles grandes doos capitães de roma marco bruto e arunce abracou a elle e a | dom mar-

tim gahindo emleito mestre dalcantara em ougella yndo ambos de noite nas dianteiras de su | as gentes reconheceramce hu ao outro e se encontraram de maneira que ho em | leito mestre logo no quampo ficou morto e elle XXI dias viveo e desta tam vam | vida partiu e aso foy a principes e a capitães tam poucas vezes acontecido nos | que decendes lembramos e presamos de pays de taes dotes pollas acrecem | tar e trabalhando por sua alma a deos rogoar. (6)

Ao lado d'este ha um tumulo perfeitamente egual ao descripto em cima, mas sem o epitaphio que lhe arrancaram, substituindo-o por uma parede de alvenaria! Apenas conserva, como o de João da Silva, o vulto do guerreiro em pedra de Ançã, deitado e de mãos postas.

Vem depois o riquissimo moimento de Fernão Telles de Menezes, com esta letra em caracteres gothico-quadrados:

Acqvi repousa o corpo do muy honrrado e muy nobre fidalgo e cavaleiro fernam telez de menezes filho de ayres gomes da silva e de dona briatiz | de menezes mordomo moor egovernador da muy esclarecida se-

(6) Esta inscripção é mettida dentro d'uma cruz de Malta—mas pelas rasões expendidas na nota (5) seguimos com relação a ella o systema adoptado com o epitaphio de pag. 111

nhora dona lianor estonces princesa e agora rainha de Portugal O | qval asy em africa como em castella per terra e per mar taes serviços e feytos na paz e na guerra fez qve oove a morte enveja de seu | crecimento pois no milhor da vida o levou viveo quarenta e cinco annos emeo e faleceo na era de mil e qvatro centos e setenta e hv permero dia da | bril Dona maria de vilhana filha de martim affom de melo e de dona margarida de vilhena aya da mesma senhora rainha tam nobre per ver | tudes como per rial linhagem huua soo molher o mandou fazer em vida e aqui se mandou sopultar pera jazerem os ossos tam juntos como | foram as vontades viveo (7)

Soberba peça e digna de conservação é este tumulo. No ediculo jaz deitado o guerreiro. Apoia a cabeça na viseira e encosta os pés a um leão pequeno. Lá do alto de uma especie de coroa grande desprende-se um cortinado abundante, que dois anjos apanham perto da coroa, e que vem, cobrindo o tumulo, cair ao lado do epitaphio acima posto, que é de marmore. É delicado todo este trabalho em pedra de Ançã e de um bellissimo effeito.

D'este Fernão Telles de Menezes foi filho o poeta do *Cancioneiro* Ayres Telles, que

(7) Vid. nota (5)

n'uma satyra a Jorje de Oliveira disse:

Leva tudo por inteiro
Não tem nenhuma affeição
Folga tanto com dinheiro
Que ainda a Deus verdadeiro
Venderá por um tostão.

Na capella do Santissimo Sacramento existem dos lados dois tumulos, eguaes na architectura, havendo no da parte direita este epitaphio:

aqvi. iaz. diogo. da. silva. filho. mais velho. do regedor. | ioão. da. silva. e. de. dona. ioana. de. castro. sva. molher. do. | cõselho. delrei. dõ. ioam. o. terceiro. e que. por. sev. mãdado. foi. | por. embaixador. ao. concilio. tridentino. o qval tedo o oeci | cio. de. sev. pai. faleceo. e. sva. vida. na. cidade. de. lagos. qvestava. | fortificando. por. mãdado. do dito. rei. em. idade. de. 49. | anos. a. 26 de setebro 1ccc6. e. asi. iaz. cõele. dona. antonia. | de. vilhena. sva. vnica. molher. filha. de. dõ diogo. lobo. barão | dalvito. e. de. dona. lianor. de. vilhena. a qval. pera. ambos. mã | dov. fazer. esta. sepvltvra. e. faleceo.

É tambem este um rico tumulo com mui-

(8) Vid. nota (5.)

tos primores da architectura manoelina, tendo um guerreiro de pedra deitado em cima, como quasi todos os demais.

O tumulo fronteiro já não tem inscripção alguma. Arrancou-se em tempo em que o possuidor da egreja e do convento era o reformador José Joaquim Pires de Abreu! No logar do epitaphio fez-se uma parede rebocada grosseiramente! Parece que fora para o Porto aquelle epitaphio.

Fallemos agora da claustra. Depois do incendio é ella um montão de ruinas, em que ainda subsiste uma ou outra capella não de todo arruinada.

Em uma d'ellas, que fica á parte direita, encontramos no chão duas inscripções, arrancadas das paredes em que parecia terem estado embebidas, cujos dizeres em caracteres romanos, são estes:

Este coveto tem
obrigação de
mandar dizer
nesta capella
cadanno doze
missas com respo
nso tres da nov
te e dia de nat
al e nove das fe

Leonis da costa
fidalgo da casa
delrei, cavaleiro
do abito de Chr
isto, provedor dos
marachões de mõ
dego, sariento
mor desta comar
ca mandov fazer es

stas de.n.snrã pa
raas qvaes o fvda
dor deixou a
pesão q do cõ
trato cõsta.

ta capela para si,
E sua mvlher do
na leanor da cos
ta, E descenden
tes. 1628.

Tal é, em resumo, o muito de precioso pelo lado da arte e da archeologia, que alli existia ha pouco tempo.

Eram dignos quasi todos aquelles preciosos tumulos de reproducção por meio da estampa, e de que alguem restituisse ao culto uma das egrejas mais lindas que temos visto.

Evora.

MORTOS ILLUSTRES

I MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS
II ANDRÉ DE REZENDE
III GARCIA DE REZENDE
IV JOÃO AFFONSO DE MORAES BOTELHO

MORTOS ILUSTRES

MORTOS ILLUSTRES

MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS

Maravilha de nacionaes e de estranhos, assombro de inscientes e problema de complicada demonstração de architectos, a egreja de S. Francisco, em Evora, deve chamar a attenção de todo o visitante d'esta cidade.

Vasta, espaçosa e elegante, uma só nave tem. Proporcional abobada de pesada cantaria, apoiada em delgadissimas paredes de silhares graniticos a cobre toda. Uma como encantadora surpresa toma o espirito do visitante que lhe transpõe os áditos.

—Como não abate semelhante abobada, larga e comprida, sem uma columna em que se apoie! Se attenta as paredes, cujas ogivas deixam medir sua grossura, de ponto sobe o seu espanto. Tem 0,70 de largo!

Deixando a curiosos ledores a leitura dos artigos que no *Archivo Pittoresco* de 1868

lhe consagrou a erudita e vernacula penna do sr. Dr. Augusto Filippe Simões, ora diremos quanto basta para que se lhe conheça a fundação e o fundador, e nosso fito miraremos, que diverso é.

A primitiva construcção do convento de S. Francisco parece remontar a 1245, ou talvez mesmo a mais retirado anno. Crê-se haverem sido seus fundadores tres frades da Gallisa que, ainda em vida do Patriarcha S. Francisco, ás terras do Alemtejo vieram.

A presente egreja, pela Esfera armilar de D. Manoel, e pelo Pelicano de D. João II, que sobre a porta principal se vêem, de suppor é que fosse erecta nos reinados d'aquelles monarchas.

Tapetado de campas antigas, o pavimento da egreja a miude prende a curiosidade do visitante.

Á direita, em rico tumulo de marmore branco, dorme o somno eterno um membro da antiga familia dos Cogominhos: á esquerda, em campa rasa, talvez descança um representante dos Vasconcellos. Talvez, porque a campa de que vamos escrever pode não cobrir as cinzas illustres que o epitaphio commemora.

Quantos mancebos palpitante o coração do primeiro amor, haverão entrado naquelle templo; já seguindo de perto a dama de seus amorosos devaneios, já simples curiosos e admiradores? E, quem sabe? talvez nenhum soletrasse, na lapide gastada dos annos, o sympathico nome do prototypo dos amantes!

Um brazão d'armas, sem timbre, sobre uma transversal espada antiga, sobrepuja esta inscripção singela, em caracteres gothico-quadrados:

a
: S : de memrõiz de vas
co ñocelos

Em volta da campa outra inscripção havia que o tempo consumiu.

Mem Rodrigues de Vasconcellos? Mem Rodrigues de Vasconcellos foi o homem corajoso e enamorado que, á testa da poetica e da tão famosa *Ala dos Namorados*, combatera brioso pela patria e pelas damas nas frescas veigas d'Aljubarrota. Mem Rodrigues de Vasconcellos fôra o soldado impetuoso que firmara nas espadas dos seus o throno do Mestre de Aviz, e gravara com a

ponta do seu gladio triumphante nos annaes de nossa historia o começo da mais esplendente, da mais brilhante e da mais gloriosa dynastia portugueza.

Se ao gume da espada de Nuno Alvares Pereira, do famoso condestavel, muito deveu, a causa de D. João I, não menos o deveu, sem duvida, aos valentes de Mem Rodrigues de Vasconcellos, aos mancebos corajosos a quem dois amores, o da patria, livre de estranho jugo, e o bem logrado das donzellas de seus pensamentos, davam vigor e força ao braço, alento e vencedora esperança ao coração.

Mem Rodrigues de Vasconcellos é o symbolo dos homens que na morte da guerreira dynastia d'Affonso poderam continuar a gloria das armas e do nome portuguez, aó fastigio da grandeza elevado sobre montões de vencidos islamitas nos plainos d'Ourique.

Mancebos que fordes áquelle templo, procurae a campa desorgulhosa, que, se não cobre as cinzas ao menos lhe perpetua o nome, e parae religiosos e contemplativos. O nada que alli se guarda já pensou como vós pensáes, já chorou e riu como vós o havereis feito, já lhe foi acanhado o peito pa-

ra os estos do coração apaixonado!

E vós joven sexo encantador, vós representantes das formosuras de então, e bellas ainda hoje e sempre, como é formosa a rosa no rosal em cada Maio, perpassae juncto da campa rasa do mais enamorado dos amantes, do mais terno e valoroso campeador do vosso sexo; meditae, ainda que fugitivamente, no destino d'aquelle corpo esbelto, daquelle coração abrasado em amores por vós, e dae-lhe ao seu mais que nada corporeo uma lagrima que seja de saudade e mandae por sua alma ao Deus de nossas crenças a oração ungida de fé viva e pura que devemos aos mortos.

E eu por mim, que vos noticio o logar de seu jazigo, quizera ao menos que o grandioso edificio da Batalha, livro aberto em pedra das proezas d'esses indigetes, fosse o Pantheon de suas cinzas illustres, e para alli se levassem os dispersos tumulos subsistentes dos homens que em cada pedra do monumento têem insculpida a historia de um de seus feitos immortaes.

Se o grande lyrico portuguez, Castilho, já vê fructear a ideia dos seus *campos elysios* no jazigo dos actores de merito, que agora se abriu para receber Tasso; porque

não ha-de a minha ideia, utopia hoje, realidade ámanhã, coroar-se de um exito consumado, e juntos repousarem no sumptuoso edificio da Batalha, Nuno Alvares Pereira, João das Regras, Mem Rodrigues de Vasconcellos e tantos?!

MORTOS ILLUSTRES

ANDRÉ DE REZENDE

Evora, uma das nossas antigas e mais venerandas cidades, onde os monumentos sobejam para lhe attestar seus foros, foi a patria do famoso antiquario e latinista que não só em Portugal mas no estrangeiro grangeou nomeada eterna.

Nascera André de Rezende n'esta cidade em 30 de novembro de 1498, segundo as melhores averiguações.

Filho de paes conhecidos e nobres bem novo ficára orphão entregue aos cuidados da mãe extremosa, e novo tomára o habito na casa de S. Domingos, que tantos varões respeitaveis enumera.

Trocando as vestes claustraes pelas secu-

lares em 1540, sem permutar os costumes da religião em que se filiára, ensinou humanidades na Universidade, discorreu por Hespanha, França e Belgica, foi querido de D. João III e mestre de alguns infantes portuguezes.

Antiquario eminente, poeta esmerado, latinista profundo este homem é um dos nossos mais notaveis escriptores, um dos mais brilhantes ornamentos das letras patrias, e o primeiro archeologo portuguez que tivemos.

Successor dos Galvões nas letras, continuou as tradicções eruditas, ampliou a cadeia de nomes illustres a que os Estaços, Severins de Faria e tantos addiccionaram depois elos egualmente brilhantes.

Hoje que esta cidade não tem cultores das letras, hoje que os estranhos ou forasteiros uma ou outra flor semeam, este ou aquelle fructo colhem nos auctores de boa nota, legado precioso do grande prelado amigo da sciencia e dos estudiosos, Cenaculo, justo é que se aponte ao viajante erudito, que a esta cidade vier, o lugar onde descança eternamente este ou aquelle de tantos letrados famosos na historia, na archeologia, nas sciencias theologicas.

Leitores que entrardes na sé archiepiscopal metropolitana de Evora, magnifico monumento da piedade de nossos primeiros reis, e que admirardes as columnas macissas, as abobadas elegantes e graciosas, a capella esplendida, dadiva do faustoso D. João V e obra prima do architecto de Mafra; que soletrardes semi-apagados epitaphios e floreteadas inscripções gothico-monachaes, attentae no tumulo que no extremo da nave direita junto da «Porta do Sol» e da casa capitular elegantissimo se vos depara. Não passeis avante sem lhe lerdes a inscripção.

Jaz n'elle a cinza do homem grande que pensou, poetou e escreveu, e que, como poucos, amou a patria que lhe dera o ser. Em competencia com seus livros famosos, disputa-lhe o marmore alvissimo a immortalidade.

Lêde, pois, se conheceis o latim, o epitaphio que lhe compozera em 1839 um dos homens mais trabalhadores de Portugal e mais seu amigo, quando a necessidade de um novo seculo derruia até aos fundamentos o convento de S. Domingos de Evora, á entrada de cuja casa capitular jazia o sabio.

Ouvi Rivara:

L. Andreæ Resendii
memoriæ dicatvm.
ex æde dominicana fvnditvs eversa
tanti viri cineres
in perpetvvm grati animi monvmentvm
cura et svmptibvs eborensivm
qvibvs decvs patræ carvm
hvc translati an. MCCCXXXIX.

Substituiu esta inscripção a humildissima de S. Domingos que dizia:

L. Andreas Resendius h. s. e.

Hoje que por ahi lavra o desamor a nossos mestres e a suas obras, hoje que novos sabios menosprezam, conscios do muito que valem e dos vastos conhecimentos que teem, aquelles que, ha seculos já, volveram ao abysmo da eternidade, donde haviam saido para brilhar na terra, e n'ella deixar um rasto luminoso de seu talento, como

o deixa no espaço o meteoro luzente, é grato e bom a um coração portuguez, onde se abriga o puro sentimento do amor da patria traçar no papel algumas linhas á memoria dos illustrados varões que a nobilitaram.

MORTOS ILLUSTRES

GARCIA DE REZENDE

Dizem os mais antigos biographos que fôra irmão do famoso antiquario André de Rezende, e natural de Evora o notavel chronista de D. João II, Garcia de Rezende.

Parece, comtudo, ser ponto controvertido, pois que se assignalam diversos paes aos dois escriptores.

Muitos individuos houve em Evora por aquelle tempo chamados *Garcias de Rezende*, donde difficil é o marcar com exactidão quaes fossem seus paes.

Seja, porém, como for, este esmerado escriptor, este diligente collector das producções poeticas dos engenhos de seu tempo e mesmo anteriores, poeta como elles, pintor

e musico, depois de publicar o *Cancioneiro* em Lisboa no anno de 1516, e de voltar de Roma já no reinado de D. Manoel recolhera-se á sua patria, para todo se dar ás bellas-artes e ás letras, que tanto presára sempre.

Em 1520 mandava elle erigir uma capellinha na cerca do mosteiro de Jeronymos no Espinheiro, a poucos kilometros de Evora, onde queria repousar na morte. Elegante e donairosa como as construcções do tempo, no pavimento do alpendre tem ainda uma campa rasa com as armas dos Rezendes: duas cabras em palla, e por timbre uma cabra das armas e rezando no epitaphio de um Rezende desconhecido.

Depois, já na capella, jazia tambem no pavimento, que fôra de bellos azulejos relevados, a maior parte dos quaes subsiste, o chronista querido de reis.

Não existe, porém, alli a campa, conhecendo-se apenas o lugar onde estivera pela terra descoberta e revolvida.

«Mede esta campa 10 palmos de comprido e 5 de largo. Foi vendida por 4:800 reis em 1858» e serve hoje em Evora de mesa de cosinha, em Evora, sua patria! A frente coberta de graciosos lavores pousa sobre uma

columna de pedra, que apenas lhe embebe no centro, deixando ler este singelo epitaphio:

Sepultura de Garcia
de Rezende

É hoje pertença de um cavalheiro de Evora, que parece a houve por herança.

Ainda subsiste o altar da capellinha, desornado de imagens, nú de obras de talha, despido de tudo.

Sobre a porta ogival permanece ainda esta letra em caracteres gothico-quadrados

Esta ermida e fonte mandou fazer Garcia de Resende em louvor de nossa S.ª
Anno de MDXX.

O poetico do sitio, onde foi construida esta ermida, as flores, hortas e jardins, que a cercam ainda, patenteiam ao visitante o delicado e mimoso bom gosto de Garcia de Rezende, que havendo-se dado em vida á poesia, pintura (1) e musica determinára para

(1) O risco para a torre de Belem foi concepção de Garcia de Rezende.

depois d'ella que seus ossos descançassem em tão ameno sitio, onde se ouvia o psalmear dos monges, o murmurar da fonte, o descantar das aves.

Na egreja de St.ª Martha da cidade de Evora existe um artesão com este letreiro: *Garcia de Resende*, provando que o risco d'aquella egreja podesse ser de sua lavra.

Testimunhando talvez o seu talento artistico ainda existe tambem em Evora ao Poço de Selbarosos (hoje de S. Manços) a casa em que vivera, com umas janellas formosissimas e tão elegantes como só as haveria nos paços do bispo D. Affonso de Portugal, desenho que bem poderia ser seu d'elle.

MORTOS ILLUSTRES

JOÃO AFFONSO DE MORAES BOTELHO

Da Conimbrica dos romanos, a não haver erro na determinação do local, só existem hoje vastas ruinas.

Lá subsiste a egreja de S. Pedro, contando a sua existencia por seculos, pois que é fóra de duvida campear alli já em 1227 (1).

---

(1) Guia do Viajante em Coimbra.

Testimunhando a existencia de um templo christão n'aquelle local, ou quando menos n'aquelles sitios appareceu ha poucos annos alli esta inscripção sepulchral:

Serenia
nvs famu
lvs di vixit
anvs VIII et
reqv...in pa
c. VIII kl...de
cembris e
ra DCXXVIII

Costumam os antiquarios viajantes, que vão ver as ruinas de «Condeixa a velha», ou «Conimbrica», entrar tambem na vetusta egreja de S. Pedro.

Ainda hoje permanece n'ella em campa rasa, no meio da unica nave que tem, o pouco que possa restar de um cavalleiro esforçado de Aljubarrota e de Alfarrobeira.

Não sei que religioso sentimento de veneração é este que me assalta ao topar com o monumento de um soldado de Aljubarrota!

É', sem duvida, por que a quadra de mais acrysolado amor de patria, de maior esforço, de mais coragem, de mais brio, de maior pundonor e de mais honra foi aquella em que D. João I como «Mestre d'Aviz» e «Defensor do reino» repelliu a invasão dos castelhanos com um punhado de valentes como elle, em toda a fronteira e, nomeadamente, no sitio de S. Jorge, entre Leiria e Aljubarrota.

Na verdade, que se grande foi a lucta com os mussulmanos no começo da Monarchia em Coimbra, Monte-mór-velho, Soure, Leiria, Santarem, Lisboa, Alcacer do Sal, Evora, Serpa e Moura, e no Algarve; se então muito deveu a causa da independencia na-

cional ao montante de Gonçalo Mendes da Maia, o celebrado «Lidador», e ao de outros não menos esforçados cavalleiros, duzentos annos depois egualmente brilhante foi a pugna homerica dos bravos defensores do reino, a cuja frente se achava o Mestre d'Aviz, o filho natural de Pedro I e de Thereza Lourenço, e a valentissima lança de Nuno Alvares Pereira, o destemido «Condestavel de Portugal», em comparação do qual nem foram mais o Cid, Ruy Dias de Bivar, Gonçalo Fernandes de Cordova, «o grande capitão», nem depois d'elles o famoso duque d'Alba que junto de Alcantara derrotára o principe D. Antonio, Prior do Crato, quando, em circumstancias bem semelhantes ás do reino por morte de D. Fernando, tentava defender a autonomia portugueza das garras do leão castelhano.

É por estas considerações, que se me atropellam na mente, ao volver um olhar para o que fomos, que permaneço respeitoso ante as poucas sepulturas existentes d'aquella geração de fortes, que volveu ao nada.

Pertence a um cavalleiro de Aljubarrota a campa da egreja de S. Pedro em Condeixa a velha. Não o diz a sua breve inscri-

pção, mas certificam-no os nossos livros de historia. Diz ella assim:

João Aff.º de Ms
B..... I instituidor
do md.º e fidalgo da
casa do infante
D. Pedro anno de
1057.

Tem a campa dois emblemas: «o signum Salomonis» e a cruz dos templarios. O «Signum Salomonis», ou «sino samão», composto de dois deltas em cruz, é o emblema da Divindade em sciencias occultas (2) contra o qual não prevalecerão todos os poderes da terra. Considerado como talisman pelo vulgo de todos os tempos, ora lhe attribuiram virtudes diabolicas como d'esta passagem se collige:

—Nato infante, se visitetur á persona signum Salomonis habente, ante nonum diem puer moritur penitus in brevi. Si etiam praegnans super transeat Signum Salomonis,

---

(2) Na egreja dos Inglezes vi eu ha annos em Lisboa, circumdado de uma aureola ou resplendor, um delta, ou metade do *signum Salomonis*.

aboritur cito (3) ora bemfazeja; e contra o «mau olhado» ainda hoje o põem as mães pendente de um cordão ao pescoço dos filhos.

Toute li est honor & pros,
De sa biauté moy que chant,
Sa biauté auoi li san haut,
Si faurá elle maugré mien,
Je ne lau voi retenir rien,
No tenir non voir ce ne fais mon,
S'il avoit le Sant Salomon,
Et sa nature en lui aust,
Tant nus que nuls que plus ne peust:
De biauté mettre en son cor umain (4)

A não estar aquelle emblema gravado na campa como emblema ou symbolo da Divindade, ou mesmo capricho do maçon que o lavrára não é facil explical-o. O mesmo ponderar se offerece com respeito á cruz dos templarios, Ordem extincta por D. Diniz em 1312, com bulla de Clemente V.

---

(3) Mich. Scot.—De Physionomia—cit. por Ducange.

(4) Le roman d'Alixandres—cit. por Ducange.

O morgado a que se refere o epitaphio é o de Moraes Botelho, instituido em 1457. Era o administrador d'elle obrigado a mandar fazer um anniversario, no oitavario de todos os santos, na capella de seu jazigo, da invocação das Almas.

João Affonso de Moraes Botelho fôra um dos leaes ao duque de Coimbra e com elle pelejára e fôra ferido na batalha d'Alfarrobeira, confiscando-lhe por isso Affonso V muitas terras em Coimbra e no morgado da Louzã deixando-lhe sómente o de Condeixa. (5)

Eu, que descobri em Evora a ignorada campa de Mem Rodrigues de Vasconcellos, o commandante da «Alla dos Namorados», compraso-me noticiando talvez a de um d'aquelles esforçados mancebos, e consagrando á memoria d'elle estas breves linhas.

Evora.

---

(5) Carvalho—Corogra. tomo 1.º pag. 35 e 36.

INEDITOS

DE

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

UMA CARTA E 12 SONETOS

INEDITOS

DE

FRANCISCO JOLDEVIN MENDIVE

Mira 18 de Julho de 1840

Snr. Compadre

Porque não accusou a recepção da minha ultima carta com a remessa do livro pedido e quatro bellos sonetos?.. Forte mandriice! Ora pois, ahi vae o ultimo soneto feito aos meus annos, e fixada a conta corrente da minha longa existencia... Sim, não mais farei outro em 17 de Julho!.. Mas ah! com que hei de pagar tão grande somma?. A fallencia é certa e o perdão incerto!.. Se o meu Altissimo Credor não tiver misericordia commigo quam desgraçado negociante não fui dos bens da eternidade!!.. Vivi rico de vaidade, e de gosos mundanos, e morro pobrissimo de merecimentos para obter perdão das minhas estravagancias! Quam triste é fazer annos um velho á borda da sepultura! Quem os ha de festejar? A mor-

te? Sim, sómente a morte!.. Pois o desengano só os pranteia... Adeus

Compadre affectuoso e triste

Francisco Joaquim Bingre (1)

---

(1) Nasceu na freguezia de S. Thomé de Canellas, districto de Aveiro, em 9 de julho de 1763 e morreu em 26 de março de 1856, em Mira. O dizer elle que nasceu em 17 d'aquelle mez é confusão com o dia do baptismo.

Estes sonetos são ineditos, segundo me informou o cavalheiro que m'os offereceu, o snr. Padre José Candido G. d'Oliveira Vidal, de Ilhavo. Alguns são de letra do poeta.

Sendo impossivel restabelecer a chronologia d'estes sonetos vão publicados sem ordem nenhuma.

EM 17 DE JULHO DE 1840—FAZENDO 77 ANNOS DE IDADE

Soneto

Vinte e oito mil, e cento, e oitenta e duas.
Auroras até hoje eu visto tenho;
E nascer n'este tempo e ter despenho
Novecentas e vinte e quatro luas.

Setenta e sete annos são as cruas
Sommas, da conta que a fazer eu venho;
Ai! quem ha-de solver tão grande empenho
Das dividas que fez antigas suas?!..

Quem mais vive, mais deve ao Ser dos seres:
E como ha-de pagar no fim da vida
Se elle rico não fôr de bons haveres?

Minha divida é assaz crescida;
Se o Credor não attende aos poucos teres
Tenho quebra geral, casa fallida!!!!

SAIBA MORRER O QUE VIVER NÃO SOUBE

Bocage, nos seus ultimos momentos

GLOSA

Se o erro conheceu o Vate Elmano,
(Alvo Cisne, que honrou o patrio Sado:)
No seu ultimo fim, de haver cantado
Na sua doce lyra, amor profano :

Se elle então conheceu o falso engano
Dos vãos prazeres para Deos virado:
Eu, que seu socio fui, quasi finado,
Abraço hoje como elle o desengano.

Elle na hora extrema o vôo alçando
Não lhe importa que a morte a vida roube,
Pois contricto subia a Deos louvando.

Se uma ventura egual tambem me coube,
Finde o cisne do Vouga assim cantando,
Saiba morrer o que viver não soube.

Se até agora, meu Deos, amei tão cego
Aquella a quem amar nunca devera;
Que com pesados ferros me prendera;
A quem louco adorei com doido apêgo:

Hoje nas vossas mãos, Senhor, me entrego,
Pezando-me do tempo que perdera,
E abysmado da vossa amante espera,
Com lagrimas de dôr vossos pés rego.

Se ingrato a vosso amor andei distante
Apartado de vós, Pai amoroso,
Aqui tendes contricto o filho errante.

Detesto o vil amor peccaminoso,
A vós só quero amar, Jesus amante,
Meu Rei, meu Redemptor, meu Deos piedoso.

TOMADA DE CONSTANTINA

E MORTE DO GENERAL DAMERMONT

As muralhas d'altiva Constantina
Damermont sem pavor forte batia,
Apezar da estação chuvosa e fria
Que os aproches do assalto lh'arruina.

Com sanha de leão, força ferina
A guarnição mourisca resistia;
Mas á frente dos seus o heroe subia
Pelas gargantas da escalada mina.

Alli lhe brada a morte enfurecida,
Detem-te, General, teme o meu corte,
Se ganhas o laurel, perdes a vida:

Escolhe, Francez, decide a sorte...
Responde o bravo heroe—é bem perdida,
Tome-se Constantina, escolho a morte.

A MULHER

O fumo, que formou corpo fingido,
Que, quando está mais denso, pára em nada,
O vento, que passou com furia irada,
Que em rede nunca póde ser colhido;

O pó n'alta região desvanecido
Pela primeira nuvem dilatada,
A sombra, que do corpo foi furtada,
Que o deixa ser, havendo-se escondido:

Tudo eguala á mulher no vario intento,
Pois qualquer novidade a assombra tanto
Que risca a fé e amor do pensamento.

Não lhe causa a mudança algum espanto,
Pois quando mais segura, é fumo, é vento,
É pó, é sombra, é nada, é tudo encanto.

O HOMEM

Breve emprestimo, homem, és da vida,
Da commum morte divida forçosa,
Sonho da phantasia mentirosa,
E nas vaidades machina sustida.

Luz tão prompta mortal, como incendida,
Pó de grande altivez, força enganosa,
Cinza inchada, areia revoltosa,
Fumo no ar, e flôr desvanecida.

Terra inconstante, barro movediço,
Vapor caduco, misera rajada,
Sopro sem força, vidro quebradiço;

Centelha breve, fabula sonhada,
Sombra sem ser, e rapido sumiço,
Homem te chamam, eu te chamo nada.

DEUS

Deos é rosa escondida em seu botão,
E nas folhas carmins quando desbrocha,
Deos é do mundo refulgente tocha,
Deos é da paz o tricolor listão.

Deos é o sol ardente no verão,
Deos é a Aurora, que a manhã traz rôxa,
Deos primavera é que nunca afrôxa,
Deos é do Inverno atroador trovão.

Deos trifulge no circo da Unidade,
Impresso em toda a vasta redondeza,
Que doura a sua eterna Divindade:

Deos escondido na immortal grandeza,
Se se occulta na sua immensidade,
É visivel em toda a natureza.

NO FIM DA VIDA

O momento fatal da auzencia eterna
Carregado de sombras se aproxima;
Eu nada vejo já, só lá em cima
Divizo muito ao longe uma lucerna.

Que dôr meu coração não soffre interna
Parece o está ralando fina lima...
Ah! Queira o justo ceu mereça estima
Esta dôr da piedade sempiterna!

Apalpo trevas só; densa tristeza
Cobre meu rosto já de amargo luto,
Já vejo a luz da vida pouco accesa;

Mas que terrivel voz ao longe escuto!
—Paga o foro devido á natureza—
Ai! não tenho com que, não colhi fructo.

AO CIUME

Escarneces de mim, ris-te, perjura?
Quando em meu peito enterras do ciume
O vermelho punhal, que accende o lume,
Que lança o coração pela cisura?

Não temes te converta em rocha dura,
Se eu enviar ao ceu o meu queixume,
A vingadora mão do Eterno Nume,
Que sentado em trovões raios segura?

Se eu visse, falsa, agora atassalhar-te
Negro, sofrego abutre, á carne affeito,
Ainda era um quazi nada a desejar-te:

Só ficára o meu odio satisfeito,
Se podesse, malvada, aferrolhar-te
No tormentoso inferno de meu peito.

OUTRO QUANDO A AMANTE O DEIXOU PARA SE CASAR

Ó Furias infernaes, eu vos conjuro,
Surgi, surgi do Inferno pavoroso,
De Marilia infiel turvae o gôso,
De chofre entrae n'um coração perjuro.

Tornae-lhe o leito nupcial escuro;
Envenenae-lhe o halito do esposo;
Vingae do Vouga o Vate desditoso,
O Cantor d'essa vil, o amante puro.

Quando á consumação guiar seus passos,
Arrebente da morte entre os arquejos
Seu falso coração em mil pedaços:

Sejão punhaes seus perfidos desejos,
De cobras assanhadas seus abraços,
De venenosas viboras seus beijos.

TESTAMENTO DE FRANCELIO

Pois que caduca o ser, e cresce a edade,
Antes que se enfraqueça o entendimento
Quero fazer meu firme testamento
E dispôr da minha ultima vontade.

Deixo ao mundo em geral, minha saudade
Deixo ao meu patrio Vouga o pensamento,
A lyra ao Tejo, a Amor o sentimento,
E os meus versos á sã posteridade.

Incluidos na terça estes legados
Por minha universal herdeira fecho,
A Marilia, meu bem, dos meus cuidados.

Da ternura os meus cofres lhe desfecho,
Meu suspiro final, meus ais truncados,
Meu morto coração, tudo lhe deixo.

REVOGAÇÃO DO TESTAMENTO PELOS MESMOS CONSOANTES

Pois que os olhos abri no fim da edade,
E já cego não tenho o entendimento,
Revogo esse, que fiz, vão testamento
Por esta minha ultima vontade.

Revogo a deixa ao mundo da saudade,
Nada d'elle me occupa o pensamento;
A lyra deixo ao fogo, e o sentimento
De a pulsar louco á sã posteridade.

Rogo á morte que cumpra estes legados
Quando do meu sepulchro vir o fecho
E tornados em pó meus vãos cuidados.

Com dôr meu coração em ais desfecho
A Ti, piedoso Deus, só dou truncados
Suspiros pela má fama, que deixo.

DESCRIPÇÃO DE MIRA

Um plano de tres milhas de largura
E de comprido quatro em pés craveiros,
Do Nascente cercado de pinheiros,
E d'arêas ao Poente em grande altura:

Pela parte do Norte a embocadura
D'uma alagôa antiga sem outeiros,
Espraiado canal, onde os ponteiros
Raivosos Aquilões soprão bravura:

Mar visinho, que açoita a praia núa,
Bramindo sem cessar, casas de terra
Com telhados, que entrada dão á Lua:

Amphibios aldeões comsigo em guerra,
Desavindos brutaes. Eis Mira crua,
Eis o triste logar, que o Bingre encerra.

UM AUTOGRAPHO DE FR. JOÃO DE CEITA

UM AUTOGRAPHO DE FR. JOÃO DE CEITA

Por varios papeis que possuimos conhecemos quanto foi grande a contenda entre os freires das ordens de cavallaria portuguezas e o Arcebispo de Evora no seculo XVII, ácerca das visitas do Arcebispo, e dos castigos dos freires, que foram parochos.

O inedito que se vae lêr parece ser resposta dada a uma consulta de D. José de Mello, ou, talvez ainda, a D. Alexandre de Bragança, Arcebispos de Evora, e provavelmente escripta em 1623 ou 1624.

Além da summa clareza no expender rasões; além da pura linguagem que opulenta o escripto ha n'elle allusões muito interessantes a homens e a instituições, que bem é sejam lidas e conhecidas.

Frei João de Ceita foi um dos mais notaveis prosadores e oradores sagrados que tivemos. Nascera em Lisboa e alli morrera com 55 annos no de 1633.

O haver sido elle um dos escriptores portuguezes que mais trabalhou no engrandecimento da nossa lingua, estimula o de-

sejo de se conhecerem todos seus escriptos, e bom fôra que a gente nova, que tão fervorosamente se devota hoje ao estudo da lingua e á vida de publicista, estudasse n'este mestre um sem numero de vocabulos, por elle introduzidos do latim na lingua portugueza.

Mendo da Motta, cujo era alma o Conde Duque de Olivares, fôra um portuguez que defendera a barra do Sado contra os hespanhoes invasores depois da morte do inepto cardeal D. Henrique, e que, vendo triumphante a espada do duque de Alba, se passára para os castelhanos, e pertencia ao conselho de Portugal em Castella. Veio a Portugal com Filippe II em 1619. (1)

O ministro de el-rei Filippe, a quem allude, com o nome proprio de D. Francisco, deverá ser D. Francisco de Castello Branco, Meirinho-mór do reino e conde do Sabugal.

O confessor de el-rei, *peor que todos*, se não era ainda frei Luiz d'Alliaga, que fôra confessor de Filippe II, era de certo o confessor de Filippe III nomeado em subs-

(1) Leia, Lavanha—*Viagem* etc.

tituição d'aquelle nos primeiros annos do seu governo pelo Conde Duque de Olivares, o dominico Soto, natural de Salamanca, Inquisidor Geral e Presidente da Bulla. Suppomos, porém, que antes sería o primeiro, porque n'elle concorreram attributos que bem se ajustam ao juizo que de si fórma o respeitavel João de Ceita, os quaes eram *capacidade mediocre* e intelligencia limitada, unidas *a uma ambição desmedida.* (2)

---

(2) Anecdotes du ministére du comte Duc de Olivares—Paris, 1722.

Algumas razões e aduertencias ao Ill.mo S.or Arcebp.o sobre as excepções q. ha mandado aos cap.os da concordia 2.ª (3)

Pella mesma carta de s. ill.ma q. no correo passado lhe tornei a enuiar, constará bem euidentemt.e me não moui com leue fundamento a dizer, e suppor vinha s. illm.ª nos capitulos da 2.ª concordia (sobre q. veio ca no anno de 622) pois me dizia tratasse de a confirmar pello legado e me daua a entender aprouaria ainda mais algua cousa do conteudo em ella. la está ja a carta, e as palauras della riscadas. e Porq hora na carta de 27. do mes passado faz outras excepcões a essa mesma concordia, q ham de fazer difficuldade: me conuim usar deste preseruatiuo, q ouso fazer pello q dos ministros, e experiençia das cousas tenho alcançado, e diguo assim.

Hum dos pontos mais contenciosos e ri-

(3) Conservamos a orthographia do original, que reproduzimos exacta quanto possivel.

nhidos entre o Arcebp.º e os militares he açerca do castiguo dos freires parochos nas culpas dos sacramt.os (que das pessoais não se trata) como se mostra dos breues, priuilegios, concilios, posses &ª q. de parte a parte se allegão. e ainda q. o Arcebp.º tem as razões tam euidentes, e claras (que a meu uer são demonstrações) comtudo p.ª o illm.º não querer alterar este artiguo, e outros (hum mais ou dous) ha as razões seguintes. q. conuem ponderar.

A 1.ª he q. em duas concordias q. açerca deste ponto estão feitas em ambas se conveio q. o illm.º prelado (?) não castigasse aquellas culpas, mas q. os remetesse: e ainda q. não enprime mais castigo q. o ordinario não aia de fazer (se não prisão) comtudo logo dis remeterá as culpas ao juiz das ordees. e sendo assi q. Paulo 5.º recusou muitas cousas a 1.ª concordia fauorecendo aos ordinarios contudo no castiguo das culpas ainda não ordenou q. o executasse o Arcebp.º mas q. os fizesse castigar do juiz das ordees. e elle não castigando, então podesse o Arcebp.º fazello. e na mesma conformidade está o cap.º 3.º da 2.ª concordia. Estas concordias ambas foram vistas pellos da meza da cons-

ciencia e dos ministros deste conselho: e de medo da mota q. os sabe mt.º bem. Pera logo tratarmos de concordia e logo discordarmos no artigo mais rinhido, e contencioso de toda ella he deitar tudo a perder e não fazer nada. pois he certo não hão de uer a excepção q. o Arcebp.º lhe poim da preuenção: e não servira de mais (tratando de concordia diguo) q. confirmarem (com isto se alterar) ser o Arcebp.º perfioso e contumaz, e mui casado com seu parecer e a aposta q. outros fazem de q. nunca ha de uir a meio algum, por mt.ºs q. lhe offereção por dizerem q. o tem de natureza e condição. e ainda q. isto são ditos de ignorantes; consirando (?) contudo em materia de ordees tanta gente faz rumor e já elles probabilidade; e gera nouo odio nos ministros, q. tanto menos respeito terão ao diante ao Arcebp.º: quanto mais o uirem mudado nestas materias.

E para lhe procurarem mudança e algua tenacidade em seu parecer allegão q. aguora nem a dezeiar a prouisão de seu tio Dom Theotonio; (não q. eu nisso fallasse inda q. se apontou) sendo assim q. se lhe daua, e offereçia duas uezes; hua ao p.e Ant.º gomes quando ca ueio: outra a elle mesmo

loguo no principio de sua vinda a esta corte: e nunca a quis. Aguora dizem q. elles são os q. não querem. E ainda q. allegei o rabo de palha q. lhe punhão: a saber, q. uisitaria com commissão do mestre: frc.º de luçena me respondeo se offerecera mui limpa (a q. se daua ao p.e Ant.º gomes) com clausula de q. a nenhua das partes preiudicaria. e q. tãobem no fim de sua estada quando se quis ir a pedio: e então não quizerão darlha. isto dizem. e para eu apontar no castiguo dos freires a preuenção q. aguora se faz, com resolução de q. não uiria o illm.º na concordia doutra maneira he pormonos no mesmo periguo: e q. se porventura ao diante a queira na forma em q. aguora iaz não queirão elles ao despois. e não pareçe honra do Arcebp.º andar hu seu suffraganeo a saber o bispo deluas uizitando, e elle estar já tantos annos parado: tendo sua diocesi tanta necessidade de uizita. e com lhe leuantarem os ministros q. o não faz se não de perfiozo.

Esta pr.ª razão val fallando em concordia como diguo: q. se isto fora per outro meio, digamos, em o juizo da rota: ou la em Portugual com juizo e juizes de consensu utriusque partis &ª então era eu de pareçer

se quebrarão as lanças em tudo, e por tudo: e ate os atomos se contassem da iurdição do Arcebp.º com todo o rigor e aspereza: mas fallar em confirmação de cousa concordada, e discordar logo em artiguo tão essencial, e em q. mais reparão; e isto sem appellação nem aggrauo tem o risco mui evidente. fazermos nós de n.ª parte todo o possiuel p.ª se compor na forma em q. vem; está bem. mas perfiar de modo, q. doutro se não queira, eu o iulgo na forma q. diguo.

2.ª e he confirmação desta pr.ª q. o Arcebp.º uinha, (inda q. uiolento de algua maneira) na pr.ª conconcordia q. Paulo 5.º não quis approvar, a qual he menos fauorauel ao Arcebp.º q. esta segd.ª de cuia confirmação se hora trata. e então mandarme... isto hua carta do cardeal. S. Eugenio, q. tenho mostrado aos ministros, em q. encarece os receios q. o mesmo Arcebp.º tinha de se confirmar a concordia menos fauorauel, e aguora *não* (?) querer estar pella mais fauorauel a elle! ponhalhe a consequençia nem he *rasão* q. satisfaça, a q. se me da em hua carta, a saber. q. digua estar o Arcebp.º aguora mais alumiado em sua iustiça: porq. nunca he bem fa-

zer nisto ao preslado ignorar quando de nouo não ha cousa q. desculpe, e ha tantos q. nos encontrão. e o mesmo he dizer a gente tam perfida (sabe aguora melhor o preslado sua iustiça) q. darlhe motiuo de nouos risos: e eu não studando nisto cousa (q. he claro) studo somente como eide resaluar a autoridade do preslado, como cousa mais importante.

3.ª Largar de mão este meio da concordia; he cair em absurdos notaueis. q. todos os outros meios incluem. pois este euita demandas, duuidas, pleitos, e dissenções q. nehum dos outros meios pode euitar: pois he certo q. sabendo cada parte o q. pella concordia pode fazer uisitara hua sem pôr embargos a outra parte, ou impedimento de consideração: o que se não ve em nenhum dos outros meios q. se pedem, porq. a prouisão de D. Theotonio confunde no mesmo Arc. as iurdições e não as acclara (e por ellas se iuntarem ambas no Cardeal Dom Henrique dizem elles nasceo outro pleito) A uisita feita per ambas as partes tiradas as armas tãobem expoim as partes a excommunhões e dissidios, não tendo acclaradas as duuidas. vir no breve do colleitor: sera lidar. s. annos,

e no fim não se conseguir nada, como aconteçeo na concordia segd.ª e para isso nunca ter fim com tantos desgostos de excommunhões, prizões, scandalos, &.ª he melhor mt.º como se dizia na carta, fechando os olhos a razões, e pareçer proprio; enuestir com a concordata.

4.ª Estes ministros delrei são todos partes, e excepto dom frc.º (q. não faz nada, antes não sei) apassionados no ultimo da potencia. Elrei tem o legado mui mimozo e quer q. passem as calmas, e q. so se va no outono. O Papa mui obrigado a elrei assim por seo sobrinho, como porq. se cuidou delle fauoreçia os outros contra elrei. Hé moralmt.e impossiuel q. se elrei. perfiar mais não alcance o breue na forma em q. pretendem. e por se s. illm.ª nestes riscos, a conta de hum ou dous artigos, não sei se uirá a perder mt.º a conta deste tam pouco. e os jtalianos são Judios, como A. S. illm.ª bem sabe: e a conta de dilatarem o breue, satisfarão a S. illm.ª e no fim dirão o q. costumão q. não querem pôr a igreia em riscos desfauorecendo reis &.ª. e no modo com q. alguns senrs ca fallão, confiados estão nisto: e se o alcançação não querem concordia porq. querem

izentar as ordens em tudo dos ordinarios, e temo q. se uenha a perder, o q. oie se possue como o mostrão no fallar q. fazem de Alcacere, e não sei se de mais: e para ao despois andar em mais demandas e lidas, e fadiguas: melhor he compor; pello puerbio silent leges inter arma. e o outro. melhor. he roim paz, q. boa guerra. nem val a obieção q. me farão de q. ha confiança não uirá tal breue, ou q. uirá com clausula &.ª porq. quando assim seia q. não usem delle: não ham de querer tirar as armas ao Arcebispo: e as ordens ham de instar sempre: e ou assim ou assim ham de ir com a sua adiante como ia mo disserão e elles o mostrão. Não valera nada desta razão toda quando tiueramos rei q. nos ouuira ou disto algua cousa soubera: Confessa Castil. r. q. escaçamt.e a Portugual sabe o nome, e q. o mesmo he fallarlhe nisto, q. tornar ao conselho em peor stado: pois raiuosos então os ministros o fazem peor. e o conde olivares he alma de mendo da motta: per o uer tam regio ou quiça de tam ma consciençia p.ª contra pretendentes: e tudo tem seu perigo. e inda q. me resoluo a ir fallar a elrei, e ao conde, quando não aia resolução de

todo, comtudo como elrei não seja, e o conde seia tudo e esteia tam cosido a mendo da mota, temo que tudo seião synonimos, e q. me diguão ser o Arcebp.º perfioso (porq. o não sabem dizer) e p.ª attentar nisto nem elrei he christão, nem o sabe ser: menos os ministros e peor q. todos o seu confessor cuio termo era melhor p.ª sanchristão de hu gdiã.º froxo q. p.ª confessor delrei.

5.ª Os das ordens estão de dentro e com o poder todo: os ordinarios ainda de fora e não podem. A prudençia toda he entrar e meter o pe de hua uez quiçá o meterão de todo, e em tudo. Porq. como nas ordens aia tanto descuido, e lhes seia forçado com uizitas a elrei fazer gastos he mui crediuel q. os bispos castiguem e proueião tudo: quando não como commissarios do mestre pella iurdição de delegados da sé Apc.ª e uenhão a obrar com dessimulação e prudencia o q. não podem per força da razão e do bem e esta pera mim he a mais riia razão de todas. porq. he tirada do tempo e da suauidade com que cousas mui arduas se facilitão. e entrando (per qualquer uia q. seia) os ordinarios serão respeitados dos freires (q. aguora o q. mais descorte-

z as faz e ue he o mais bem ensinado) seus pouos e ouelhas uizitados; peccados obviados, e offensas de D.s: e quando tudo não remedeado ao menos parte e o mais acclamado e estranhado.

E se nisto auemos de meter algum chirume de consciençia. Bem veio çede s. illm.ª de sua iurdição q. a tem mui clara e euidente e baldado he p.ª mim citarme textos, mas quando não pode e com mt.ª possibilidade se teme q. perca mais e são mais os inconuenientes de não çeder q. de se conseruar veião os q. mais sabem se terá obrigação de o fazer. Pois nunca se arrisca o todo pella parte. nem o membro pella cabeça; e he licito entregar á morte o innocente por salvar hua Rep. e se não diguo nada eu me recolho. &.ª

O que diguo tenho alcançado e ia sei q. elrei não me hade fazer bispo e em tal hora queirão vir na concordia sicut jacet. era de parecer se fizesse toda a deligençia em as emendas do Arcebispo: quando não: q. a tomassemos como está, Ainda ha lugar do illm.º consultar este papel com quem lhe pareçer, pois ainda ando de fóra, q. a traça de meter ao bispo nisto e eu não da lugar a tudo. fallo nisto com zello, e desin-

teressado coram Deo & christo Jesu q. de tudo he testemunha, e me ha de ser juiz.

A resposta quizera com cuidado. Porq. ca anda isto com feruor aguora. e quando minha desgraça seia tanta q. nem em isto se tome resolução tiro ao menos por consequençia, quantos trabalhos se baldarão em saluação de almas e em qt.os meios veio o prelado sem a nenhum se lhe differir.

frei João de Ceita.

FR. JOAQUIM DE SANTA CLARA

FR. JOAQUIM DE SANTA CLARA

Poucos mezes antes de ser eleito arcebispo de Evora o celebre benedictino Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão, vivia elle em Coimbra no collegio de S. Bento. Pela carta que se vae lêr conheceremos que o respeitavel orador, por uma bem entendida cautela temporal emprestára *dez mil réis* em papel sobre um cordão que valia dezoito em metal, não querendo emprestar mais duas moedas sobre o mesmo objecto, como lhe pedira a sr.ª Joaquina Victoria d'Azevedo, que tinha a mãe e um irmão doentes de cama.

Não se póde dizer de Santa Clara que— *religioso que tem real não o val*, pois que o famoso benedictino valia muito por seu talento e saber; nem se póde estranhar que o homem que tinha de combater as despezas avultadas da sua exaltação ao solio vasio de D. Fr. Manoel do Cenaculo, que morreu endividado por haver gastado tudo com a instrucção de seus patricios, empres-

tasse *sem penhor* dez mil réis em papel a pessoa que parece ser de suas proximas ou remotas relações. É pena que o reclamo —*volte*—no fim da pagina ficasse no tinteiro, pois, que no verso do papel, Santa Clara justificaria sem duvida o seu proceder aos olhos dos praguentos, que desejariam ver o emprestimo sem penhor, mais christãmente feito, e não lhes daria aso a dizerem que elle tinha em Coimbra e no seu collegio *uma casa de prego.*

—

Illm.º sr.—Estimo em muito a boa saude de V. S.ª e que tenha tudo quanto eu lhe poso desejar e toda a m.ª familia que se recomenda a V. S.ª M.ª May não escreve a V. S.ª porque está doente de cama e Meu Irmão do mesmo modo; mas manda-me escreva eu a V. S.ª a dizer-lhe que como V. S.ª não egnora as nosas sirconstançias e perzentemente perciza muito pois tem meu Irmão doente poriço pede a V. S.ª o favor de lhe em prestar duas moedas em metal e dez mil reis em papel. Como V. S.ª lho emprestar asim lho torna a remeter; tudo sobre ese cordão que peza dezoito mil reis, pois sem iso não encomodaria ela a V. S.ª, o que fas ela com bastan-

te vergonha, protestando a V. S.ª o quanto sou De V. S.ª.

a mais obrigad.ma

Joaquina Victoria d'Azevedo

Mandei-lhe os *dez mil reis* em papel, logo que recebi este escrito, na manhãa de 20 de Setembro de 1814, ficando em meu poder o *cordão* por penhor, como acima se pede.

(Volte)

SOBRESCRIPTO

Ao ill.mo Snr. Fr.
Joaquim de St.ª Clara.
G.e D.s mt.os an.s
&. &. &.
Coll.o de S. Bento.

RESTAURAÇÃO DO TEMPLO ROMANO EM EVORA

RESTAURAÇÃO DO TEMPLO ROMANO EM EVORA

Perde-se nas trevas de um passado remotissimo a fundação do templo romano, chamado de *Diana*, em Evora.

Quando, por quem e para que fim edificado não ha hoje em dia quem nol-o certifique. Relativamente á epocha de sua fundação e de seu fundador, crê-se geralmente em Evora que fôra erguido em tempo de Sertorio (1) por ordem d'este notavel romano, bem como o aqueducto (sobre cujos pegões, descobertos por André de Resende, D. João III mandára construir o actual) e o cinto de muralhas, de que actualmente existem vestigios consideraveis.

Apezar de um argumento que se oppõe

---

(1) Se o leitor quizer conhecer o que os escriptores antigos dizem d'este militar famoso leia Brito, na *Monarchia Lusitana*, onde encontrará importantes extractos dos principaes.

sempre a este parecer, o do atraso das artes entre os romanos, no tempo de Sertorio, donde se desume que só mui posteriormente fôra edificado, não nos parece de todo o ponto inadmissivel esta crença do povo eborense.

Sabido é que Sertorio oppoz, durante alguns annos, vencedora e independente resistencia ás armas de Metello e de Pompeu, desde 84 antes de Christo até 74, em que succumbiu ao punhal traiçoeiro de Perpena.

Sabe-se egualmente que a conquista da Grecia foi ultimada em tempo de Metello e Sylla, mais de 70 annos antes de Sertorio, como se não ignora que as artes fugiram por esse tempo o solo da Grecia para o do Lacio. (2) Ora, se repararmos em que Perpena trouxera a Sertorio da Sardenha vinte mil homens aproximadamente, entre os quaes poderiam ter vindo artistas, se considerarmos, como parece fóra de duvida, a creação de uma Academia em Osca, onde Sertorio mandára educar os filhos dos

(2) Cantu, *Hist.* tomo 4.º pag. 464, edicção de 1859.

hespanhoes, (3) evidente prova de grande civilisação já n'aquelle tempo na Peninsula; e se notarmos que fôra Evora a terra escolhida para sua residencia e descanço de bellicos trabalhos, (4) acceitaremos tambem sem repugnancia o adiantamento artistico d'esta parte do proximo Imperio romano, que o valor e o talento de Sertorio subtrahira á dominação de Roma. E, sendo além d'isto certo que, muito antes de Sertorio, já existiam os famosos Aqueductos de Appio Claudio, de Dentato e de outros, e já Sexto Julio Frontino escrevera o seu livro *De Aquaeductibus*, (5) por que não conceder que por mandado de Sertorio fosse construido o aqueducto romano de Evo-

---

(3) «Le gôut des lettres, déjà fort répandu au temps de Sertorius».

Romey, *Hist. d'Espagne*, tomo 1.°, pag. 263.

(4) «Comme Rome, Evora, dont il faisait sa residence habituelle, eût son Senat, formé de Romains, obligés comme lui de se mettre á l'abri du courroux de Sylla».

Romey, *Hist.* cit. tom. 1.° p. 263.

(5) Cantu, *Hist.* cit. tom. 4.° p. 473.

ra, e o templo onde vinham cair suas aguas? (6)

Muito floreceram as artes em tempo de Augusto; mas, é certo que ellas tinham já àquelle tempo certo grau de perfeição que lhes viera da vencida Grecia, como é certissimo decairem depois nos governos de Tiberio Caligula, Claudio, e Nero, para resurgirem com Trajano e com Adriano. (7)

Nem por conjecturas se póde, infelizmente, rastrear, com precisão, o fim do templo romano. O suppor-se de *Diana* é tão gratuito como incerto o tempo em que se appellidou assim. (8)

Mais nos parece que fosse de Jupiter, Juno, ou Minerva, cujos templos se construiam nas alturas, por isso que taes divindades haviam immediata inspecção so-

---

(6) «... au moins est il certain qu'il a agrandi et orné cette ville avec le plus grand zéle».
Romey, tom. 4.° p. 263.

(7) Caveda, *Ensayo hist. de la arquitet. hesp.*

(8) «O que chamam templo de *Diana* apresenta um bello fragmento de architectura da ordem corinthia. Não se póde affirmar qual fosse o seu primeiro destino, nem se foi ou não ultimado».
Panorama, vol. 8.°. É digno de leitura este artigo.

bre os negocios da Republica, do que de *Diana*, visto que, como deusa da caça, mais natural é que tivesse seu templo fóra das cidades, nos campos. (9)

Dir-se-ha, talvez de *Diana* pela grande semelhança que existe entre este de Evora e a *maison carré* de Nimes, em França, a qual se julgou por muito tempo sagrada a Diana. (10)

Fallando ainda sobre o tempo em que Evora lhe chamou de Diana, vê-se que no reinado de D. Affonso V, em 1467 ainda o templo era designado pelo baixo e improprio destino, que se lhe havia dado=

---

(9) Fugault, *Nouveau recueil hist. d'antiquités grecques et romaines* ect.

«Este templo quanto a mim é o edificio romano, o melhor conservado dos Alpes para o occidente. Não posso concordar que elle fosse dedicado a Diana, por que os romanos eram mui minuciosos até na edificação dos templos, destinando a architectura corinthia para os Deuses, e a jonica para as Deusas...»

Sr. Abbade de Castro—Carta á Camara de Evora citada adiante.

(10) Vid. Montfaucon, que suppõe ser o de Nimes antes um Pantheon do que templo de uma divindade unica.

açougues. (11) Em 1498 e depois em 1555 ainda o achamos designado com o mesmo appellido. (12)

Resende, referindo-se-lhe, diz assim:

«Mandou Sertorio cercar a cydade de Cantaria laurada, quomo se inda em muitas partes mostra por onde he a cerca velha, & assi fez trazer ha agua da Pratta a ho *portico* en ho mais alto da cydade, donde se repartia per has regiões della» (13)

Em 1728 vemos que já Fonseca em sua *Evora Gloriosa* lhe dá semelhante appellido; e, porque este livro nasceu do ms. do Padre Fialho, mais antigo, claro está que mais antiga é tambem a designação do templo de Diana, que hoje tem, e quiçá do proprio Fialho.

Pelas escavações que em volta do tem-

---

(11) Carta de el-Rei dando certas pedras a Sueiro Mendes, que estavam nos *açougues*.
Archivo da Camara d'Evora, L.° 2.° dos Originaes fl. 148.

(12) L.° 3.° dos Orig. fl. 78; Vid. *Indice remissivo do Catalogo da Camara d'Evora* na palavra *Diana*.

(13) *Hist. da ant. da cid. d'Euora*, cap. III.

plo se fizeram em 1840 e tantos, lembradas, dirigidas e realisadas pelo sr. Rivara, pelo homem a quem Evora muitissimo deve, (assim o lembrasse mais, como lhe cumpria (14) verificou-se a asserção de Rezende. Ao templo vinham, de facto, as aguas do Aqueducto: em volta d'elle appareceram grandes tanques, de cujas paredes se guardam hoje na Bibliotheca Publica de Evora porções de bitume ou de argamaça, que os forrava. Pelo mesmo tempo appareceu «o fragmento de uma grande base de marmore ricamente ornamentada, mas tão mutilada que mal se póde reconhecer n'ella o pedestal de uma estatua imperial (15) e um

(14) «Assim o lembrasse» dissemos, porque só no anno passado, por indicação nossa ao Presidente da Vereação Manoel de Paula da Rocha Vianna, que nos havia encarregado da catalogação do importante archivo da Camara, se mandaram encadernar 14 volumes *in folio* de leituras feitas pelo sr. Rivara dos mais importantes documentos do Cartorio da Camara, que se não leem facilmente sem o auxilio da paleographia. Achamol-os esquecidos na poeira de um desvão, e, como se nos disse, condemnados ao accender do fogão da sala das sessões da Camara!!

(15) Hubner, *Not. archeol. de Portugal*, traduzidas, p. 47.

dedo de uma estatua agigantada (marmore branco sublamellar) C. 0m,220 que devia ser de uma estatua que teria mais de 4m de altura. (16)

Occupemo-nos agora da restauração do templo.

Construindo-se em tempo de D. Fernando, ou depois, uma torre sobre as elegantes columnas do templo, tão arruinada jazia aquella construcção, tantas eram as brechas que lhe fendiam as paredes, que a aniquilação seria proxima se o sr. Manoel de Paula da Rocha Vianna não realizasse a obra que, de ha muito, era seu enlevo e sonho querido. Desabariam aquellas paredes, arrastando na quéda as columnas do templo romano, embebidas em sua espessura.

O sr. dr. Augusto Filippe Simões, digno successor dos srs. Rivara e João Rafael de Lemos na Bibliotheca e no amor a antiguidades, reconhecera, desde que veio para Evora, aquella necessidade, chegando a escre-

(16) Sr. dr. Augusto Filippe Simões, *Relatorio acerca da renovação do Museu Cenaculo*, p. 13. E' digno de leitura este Relatorio.

ver um erudito *Relatorio* á Camara, a quem pedia a restauração do templo.

A braços com obras importantes e de urgente necessidade, não poude aquella Vereação, presidida pelo sr. visconde da Esperança (José) realisar obra tão importante, se bem que lhe sobejasse a elle avultado cabedal de boa vontade.

Aos snrs. Vianna e Simões deve, pois, Evora e Portugal a posse do unico monumento da civilisação de um grande povo.

Costumado com o sr. Rivara desde creança a respeitar as antiguidades da sua patria, o sr. Vianna buscava opportunidade apenas: idolatra do passado monumental, o sr. Simões não descançava um instante em quanto não visse realisada aquella restauração.

Na presidencia da Vereação de 1870 a 1872 o seu primeiro cuidado do sr. Vianna foi a demolição d'aquellas paredes, emplasto ridiculo e anachronico que nos escondia a belleza, a elegancia da mais veneranda reliquia do povo romano, não só em Portugal mas em toda a Peninsula.

Consultados por uma circular os mais eminentes archeologos de Portugal sobre esta obra, unanimes foram em que se de-

via fazer, divergindo apenas nos accessorios. (17)

---

(17) Por se conservarem ineditas ainda estas respostas, aqui daremos extractos das mais importantes:

Do sr. Visconde de Castilho—Agradeço a honra que V. se dignou de me fazer, querendo ouvir a minha opinião ácerca do como se deve acudir á veneranda reliquia romana, brasão d'essa cidade e de todo este Reino.

Antes de mais nada consinta-me V. que eu, ainda hoje especie de semi-pagão, idolatra das grandiosidades dos nossos avós romanos e verdadeiro Epicureo de tudo que rescende a poesia, dê do fundo d'alma parabens e agradecimentos a V. e a toda a actual Vereação Eborense por haverem tomado a si o desaggravo da nossa Diana, tantas vezes, ha tantos seculos e tão barbaramente profanada.

O peccado e opprobio de tantas gerações couhe a VV. a gloria de os repararem, e foi dita que chegassem ainda a tempo os vingadores; alguns annos mais d'esta secular incuria portugueza, e nem ruinas de ruinas restariam já para se deplorarem. . . . . .

. . . . . .

Com tenue e quasi nullo dispendio, segundo as sabias e convincentes ponderações d'aquelle benemerito e zelosissimo cidadão (A. F. Simões), não só se reconsagrará para o culto dos antiquarios o templo de Diana, mas abrigar-se-hão sob a sua tutela outros muitos vestigios preciosos, que das diversas idades preteritas ficaram espalhados por essa Provincia, verdadeiro thesouro d'antigualhas, e matriz por isso

A despeito dos que viam n'aquellas paredes uma construcção arabe, em 17 de Junho de 1870, estando em Evora o snr. Cinatti, encostaram-se escadas de mão áquel-

---

mesmo de antiquarios tão illustres cuja tradição já se vê, se conserva ainda em V. V.

Do sr. José Maria Eugenio de Almeida:

«... alheio aos estudos archeologicos e artisticos, que me permittiriam emittir um voto de algum valor, eu sou apenas um operario de boa vontade, que me esforço para fazer em outro monumento celebre, cuja guarda me foi confiada o que a sciencia e a arte me ensinam que faça. Mas direi que não me parece poder substituir-se outro arbitrio mais illustrado, mais justificativo e mais practico ao arbitrio que o sr. dr. Augusto Filippe Simões propõe no relatorio...»

Do sr. Abbade de Castro:

«.... Pela leitura que fiz do bem elaborado e judicioso relatorio, ácerca da renovação do Museu Cenaculo etc. pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões, e pelas solidas rasões que n'elle apresenta sou concorde com as suas idéas, e a opinião do intelligente artista José Cinatti...»

Esta carta do snr. Abbade de Castro é muito erudita; pena é que por suas dimensões a não possamos publicar aqui na integra.

Do sr. Francisco d'Assis Rodrigues:

«... o templo corinthio de Diana em Evora é, sem duvida, uma das mais bellas ruinas de architectura

les muros, e por uma d'ellas subiram os srs. Vianna e Cinatti.

Junto das ameias deu o Presidente da Camara ao notavel artista um camartello

---

romana, que a antiguidade nos legou, e que de certo deve ser cuidadosamente conservado para o estudo da archeologia e da arte...»

Do sr. Victor Bastos:

«O mais notavel monumento, sem duvida, que Evora possue é o templo de Diana não só por ser esta bella reliquia uma das mas antigas, como a de mais merito artistico. Na sua composição e proporções figura como representante da melhor epocha da architectura romana, tornando-se, por isso, uma verdadeira preciosidade digna de todo o disvelo...»

«... entendo que se deve tirar de cima do monumento a massa informe com seu nicho e especie de ameias, que assoberba o monumento dando a esta bella reliquia uma apparencia militar que está tam pouco em harmonia com o fim para que o monumento era destinado, e que sobre o templo é um anachronismo, por isso que pertence a outra epocha: tirar toda a muralha que existe entre as columnas, e, finalmente, procurar as pedras da architrave, da cornija, e do tympano, porque o templo devia tel-o, como o tinha o Parthenon, o templo de Jupiter e outros, pedras que naturalmente estão dispersas em grande parte pela cidade, pois se bem me recordo vi uma pedra da architrave na parede de uma casa que servia de prisão na praça: essas pedras reconhecidas por pertencerem ao templo seriam collocadas nos seus lugares;

com que este, jubiloso, deu a primeira pancada n'uma das ameias, que, momentos depois, desabava sem saudade das artes e do bom gosto.

Durante a demolição, sempre vigiada dos srs. Simões, Vianna, ou pelo auctor d'es-

---

depois segurar essas ruinas de modo que continuem a resistir á acção do tempo e conservem a exigida estabilidade: rodeal-as de uma grade de ferro, plantando no interior vegetação adequada ás ruinas...»

Do sr. Ignacio de Vilhena Barboza:

«... tambem entendo que deve ser demolido tudo, quanto foi accrescentado, e está mascarando o monumento romano. Acho egualmente acertadissima a idêa de estabelecer um Museu archeologico no recinto d'esses preciosos restos da antiguidade que assim ficariam servindo de digno estojo a essas outras reliquias de um passado tão remoto, quão interessante.»

Tambem é *muito* erudita esta resposta do indefesso escriptor.

Do sr. Visconde de Juromenha:

«... parece-me... acertadissimo o parecer do sr. Dr. Augusto Filippe Simões, e que o distincto artista Cinatti, não só pelo seu merito, mas pelo habito de ver monumentos romanos na sua patria, auxiliado pelos conhecimentos archeologicos do sr. Dr. Simões acertará nos meios adequados de nos conservar este rico e precioso monumento de architectura romana, descarnado dos arrebiques modernos....»

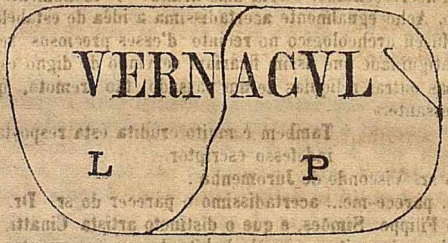
Ainda ha respostas dos srs. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, João Maria Feijóo e José da Silva Mendes Leal.

tas linhas, appareceram vestigios de construcções romanas: fustes, fragmentos de capiteis e de inscripções. (18)

Aquellas paredes eram posteriores, ao menos as do sul, a D. Affonso V. Entre dois silhares foi encontrada porção de moedas de prata e de cobre dos reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III, testemunhando evidentemente a epocha da construcção, que não era, que não podia ser mourisca. (19)

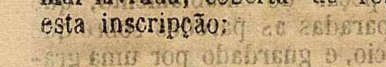
---

(18) A mais completa deixa lêr o seguinte:



(19) «... as construcções barbaras do templo de Diana foram feitas depois que se introduziu a ogiva em Portugal, isto é posteriormente á fundação da monarchia, e antes do ultimo quartel do seculo XIV, em que, segundo se lê na Chronica de Fernão Lopes, já o edificio servia de açougue, e de cima d'elle combateram os populares com os do par-

Tambem appareceu uma pedra cuja face mal lavrada, coberta de rebouco continha esta inscripção:



(20) LOBOS } (D. JOÃO GONÇALVES DE VILLALOBOS)

A face que olhava a norte era encimada por um campanario superior ás ameias, construido em 1500 por mandado de D. Manoel. (21)

Despidas, pois, aquellas formosas columnas estriadas das grosseiras paredes; en-

---

tido da rainha, que se tinham encerrado no castello proximo.»

Sr. A. F. Simões, *Relatorio* & p. 7.

(20) O mais notavel n'esta inscripção é o ser ella pintada com certa tinta preta sobre a granulosa superficie da pedra e o ser em caracteres gothico-monachaes, se bem que imperfeitos.

(21) «Quanto ao sino de correr parece a el-Rey bem o que lhe disse o dito Joanne Mendes, e se compre logo, e ponha na torre do acougue.»

Archivo da Camara de Evora, Livro 3.º dos Originaes, fl. 37.

gatada em cima a architrave e parte do friso, unicas peças do entablamento, que subsistem; reparadas as paredes sobre que assenta o edificio, e guardado por uma grade de ferro na parte accessivel, o templo romano em Evora, ostenta hoje na parte mais elevada da cidade, (*) apesar de mutilado, a donairosa elegancia da arte greco-romana, deixando retratar no azul do ceu seus lindos capiteis corinthios, deliciando artistas, inspirando saudades do passado, a poesia das ruinas em toda a sua magestade, maiormente em noutes de luar, quando a lua em ceu nublado, de espaço a espaço se nos mostra através de suas columnas denegridas. E' esplendido! E' sem duvida o brasão mais venerando de Evora e de suas antiguidades.

Se a acção do tempo e dos homens, por vezes peior do que a d'aquelle, o aniquilar um dia, ao menos possam tranar o mar do

---

(*) «Le nom de temple consacré aux Dieux, tire son origine d'un certain espace de terre ou d'enclos que les Augures déterminoient & désignoient avec le bâton augural appellé *Lituus*, d'où ils *pouvoient voir le ciel de* tous les côtés.»

Furgault, pag. 527.

esquecimento os nomes de seus restauradores, Augusto Filippe Simões e Manoel de Paula da Rocha Vianna, Presidente da illustrada e patriotica Vereação municipal eborense no biennio de 1870 a 1872. (a)

Evora, 1872.

(a) Esta breve memoria já foi publicada no periodico litterario de Goa intitulado *Vasco da Gama*, onde se poderá ver com alguns accrescentamentos do sr. Rivara no n.º 8 do 1.º volume.

UMA CARTA DO CONDE DE MONSANTO

LES CAHIERS DU COMTE DE MONTRAVEL

UMA CARTA DO CONDE DE MONSANTO

Sem embargo de serem sobejos os documentos historicos que temos da politica de Castella, expoliadora dos portuguezes nos sessenta annos de sua dominação, bem nos parece não deixar perder nenhum documento d'aquelles tempos, em que um concurso fatal de circumstancias desgraçadas, depois de nos cobrirem de lucto as quinas nos plainos d'Africa, nos acorrentaram manietados ao carro do invasor fementido, mas triunfante. A carta seguinte, em que transparece de um modo lucido o proposito que tinham os governos de Madrid de nos expoliarem o ultimo ceitil, é valiosa e importante, por ser escripta por um homem cuja posição nos negocios de estado bem informado o devia trazer.

D. Luiz de Castro, conde de Monsanto, do conselho de Estado, Presidente do Paço, é o signatario da carta que publicamos, enviada para Roma ou para Madrid ao que mais tarde seria Arcebispo d'Evora, D. José de Mello, filho natural do Conde de Fer-

reira, enviado áquella côrte pelo governo de Hespanha.

O Marquez, a quem allude a carta do conde de Monsanto, devia ser Diogo da Silva e Mendonça, conde de Salinas, Marquez de Alemquer e Duque de Francavilla.

Com estas breves explicações melhormente póde ser entendida a referida carta, que diz assim:

C

Se no estado em q estou pode auer gosto de algua cousa crea Vm q o tiue cõ a sua carta q recebi de 24 do passado, porq certo me trazia cõ cuydado o desgosto cõ q Vm ja estaua em Ittalia, espero em Ds. q esta vinda seja para El-Rey entender quam bem seruido foi de Vm e lhe satisfazer como he rezão, e eu desejo, bejo as mãos a Vm. por tudo o q me diz de q eu lhe mereço hua boa parte, mas todavia quizera q se offerecesse cousa q Vm se ser-

uice de my por quam obrigado me sinto a fazer todas as q me mandar.

Quanto ao pagamt.º do d.ro de aquelles nossos breues mt.ª verdade he o q o secret.ro fernão de matos disse a Vm porq ElRey tem mandado ordem p.ª que Rui Dias seja pago mas pareceme q estas ordens devem de trazer contrasenhos muy differentes huns dos outros, porq ha poucos dias q veo outra p.ª se mandarem tres mil escudos a Roma os quais se negociarão forão no mesmo correo e este d.º por mais q o tenho soliçitado vejo mt.ª frieza no pagamt.º delle; por tanto conuem q Vm pois ahi está faça vir cõ o prim.º outra carta de El-Rey p.ª o marquez na qual lhe diga, q effectivamt.e pague logo este d.ro a Rui Dias Angel da pimenta q tem em seu poder, porq de outra man.ª e vindo as cartas sobre corda como ate aqui, temo q nunca haja effecto e alem de Vm nisto fazer o q lhe conuem pois se tira dos reçeos em q esta amy me faz mt.º grande m. tirandome da obrigação em q me tem posto meterse Vm. nisto por meu respt.º porem vindo esta carta na forma q digo não auera duuida em se pagar logo, e se Vm puder fazer q a ditta carta venha á minha mão p.ª q a

eu de ao Viso Rey sera de mt.º prouejto, e por qualquer via q ella venha me mande Vm a copia p.ª eu nessa conformidade falar no neg.º Auizeme Vm de quando o teremos por estas pt.es porq desejo summamt.e vello e beijarlhe as mãos nosso s.or gd.e a Vm &. em lx.ª 4 de Janr.º de 609

Conde de
monsanto

FREIRAS NO REINADO DE D. MARIA I

FREIRAS NO REINADO DE D. MARIA I

Sem ser hoje muito facil, á luz da philosophia da historia saber a rasão porque D. Maria I prohibiu a entrada de freiras para os conventos, se não de todo o reino, ao menos do Arcebispado de Evora; e despresando as futeis, que no officio se ponderam, achamos que não será muito cerebrino ponderar algumas cousas.

Se fôra no reinado de D. José, em que o grande Pombal preparava sem o saber, (ou pensando-o, quem sabe?) o triumpho se não total, ao menos grandemente parcial das idêas democraticas, acceitariamos esta medida como o primeiro golpe descarregado nas ordens monasticas, que D. Pedro IV riscou do quadro das instituições portuguezas, como anachronicas e prejudicialissimas á marcha das novas idêas; mas no reinado de D. Maria I, da mulher pia e beata, a quem o clero merecia attenciosas deferencias, mais natural parece que se deva buscar outra causa para explicar a medida.

A restricção sómente *pelo que respeita*

aos mosteiros de religiosas, cujos bens eram administrados, por via de regra, por frades; as temporalidades a que tão afinadamente se davam as ordens regulares n'aquella epocha, já occaso de seu poderio, deixam suspeitar ao menos que fosse a influencia fradesca por sua conveniencia pecuniaria a que levára o visconde de Villa Nova de Cerveira, Thomaz Xavier de Lima, a prohibir no Arcebispado d'Evora a entrada de freiras nos conventos. A idêa de que os rendimentos não chegavam para a sustentação de muitas, é clara no officio enviado a D. Joaquim Xavier Botelho de Lima como tambem o não é menos a de que as freiras *deviam viver com os seus comodos temporaes*.

Ora sendo o Mordomo-mór *piedoso* e homem *que cultivava pelo irresistivel pendor de sua devoção as sciencias theologicas, em que porventura a adulação de alguns religiosos seus familiares ou seus clientes lhe expedia foros de profundo*, (1) talvez se não rastreie mal a causa real d'aquella ordem, cujos effeitos se faziam sentir tres annos

(1) Sr. Latino Coelho, Historia, pag. 195.

depois, quando o convento de St.ª Monica da cidade de Evora, não tinha as necessarias religiosas para o serviço do côro. Eis os documentos que abonam o que se diz:

EX.mo E R.mo SNR.

Tendo sua Magestade tomado na sua Real Consideração todas as Providencias, que forem necessarias para que as Ordens Regulares hajam de subsistir dignamente, tendo com os seus comodos temporaes os meyos mais propios de substentarem a Disciplina dos seus Institutos, e terem para a Continuação da Observancia delles somente aquelles religiozos e Religiozas a que poderem chegar as possibilidades temporaes de cada hum dos Mosteiros e conventos. He Servida que V. Exci.ª pelo que respeita aos Mosteiros das Religiozas, que são da sua Obediencia não expessa Ordens algumas para nelles serem recebidas Noviças algumas de novo, debaixo de qualquer motivo, ou pretexto que seja, em quanto Sua Magestade não mandar o Contrario, ficando com tudo exceptuadas as que estiverem em

Noviciado actual, porque a essas permitte a mesma Senhora, que hajam de professar nos seus devidos tempos.

Deus guarde a V. Exci.ª Salvaterra de Magos em 10 de Fevereiro de 1790

Visconde Mordomo Mor

Sr. Arcebispo de Evora

Sendo esta Petição aprezentada ao Principe N. Sr. por mam do seu Conf.or, foi o mesmo Sr. servido Conceder a Sup.e a licença, que nella lhe pede. Palacio de Queluz em 9 de Setembro de 1793

SENHORA

Fr. Mathias da Conceição.

Representa a V. Mag.e a Prioreza do Convento de St.ª Monica da Cidade de Evora, que Compondose a sua Comunidade de mt.as Religiozas velhas, xeias de molestias, e por outra parte estando a mesma Communidade falta de Religiozas, que são neces-

sarias p.ª o Serviço do Coro, e occupaçoens da Religião, perciza a Sup.ª acceitar as q. lhe faltarem, que são treze Religiosas de veo preto e hua de veo branco, pello q.

P. a V. Mag.ª seja servida conceder-lhe licença p.ª acceitar as dittas Religiozas de que necessita, pois só com ella he q. o Ex.mo Prelado não terá duvida admetilas no ditto Convt.º

E. R. Mc.ê

Marianna Eugenia do Sacram.to
Ab.ca

VIAGENS NO REINO

VIAGENS NO REINO

I

DE COIMBRA A LORVÃO

Depois que Xavier de Maistre viajou no seu quarto e Garrett na sua terra qualquer individuo póde viajar tambem, sem que percorra, como Fernão Mendes, as cinco partes do mundo, e sem que tenha um talento como o d'elles para descrever essas viagens.

Assim, depois de terem socegadamente jantado em suas casas partiram de Coimbra para Lorvão a pé F. F. B., J. J. G. de V., A. G. F., o joven J. R. e A. F. B. seriam 3 horas e meia do dia 14 d'este corrente abril, do anno da graça de 1868. Em Santo Antonio dos Olivaes fizeram a primeira paragem e tomaram primeiro refeição ajudadora, e accendidos os distrahidores charutos proseguiram na viagem.

Ao começarem de subir a famosa ladeira appellidada *Espinhaço do Cão* tomaram

relações com o sr. Vianna, conhecido habitante de Lorvão, sabedor da chorographia patria, influente politico entre os seus, premiado na exposição de Paris em 1855, socegado, obsequiador, mas valente e destemido quando as circumstancias o exigem. Já na esplanada do monte avistavam o *Dianteiro*, lugar de pouca importancia, mas theatro da coragem do nosso amigo Vianna. Alli fôra elle esperado em certa noute por um homem armado de uma espingarda com que pretendia matal-o, mas que deante da sua coragem não se atreveu a fazer uso d'ella, antes consentiu que lh'a tirasse.

Alli mesmo amarrotára elle dois individuos, armados de varapaus, tendo apenas um guardasol em punho, especie de tarasca diabolica com que triumphou d'ambos n'um chuveiro de golpes atrevidos, com que os ia desfazendo de todo.

Vê-se por esta simples narração que o *Dianteiro* já se vincula á historia das terras que têm sido theatro dos grandes acontecimentos da humanidade, e que merece d'ora ávante um lugar distincto nas chorographias portuguezas.

Attonitos com as proezas do companheiro de jornada, e depois de haverem comi-

do, bebido e fumado proseguiram seu caminho.

Não permittia o tempo que podessem gosar bem o panorama variado e formoso que se descortina do alto da serra. Apenas o pôr do sol se assemelhava a um globo de vermelho fogo que, no horisonte se atufava.

De todo desapparecia o sol. Baixava o manto da noute sobre o mundo e os nossos viajantes apenas lobrigavam a custo no fundo valle a cupula pardacenta do historico mosteiro de Lorvão.

Ingreme e fastidiosa é a descida, e, por comprida, dos labios de Barth. arrancou a expressão aterradora:—*Dois passos mais, e estamos no inferno!* Fiel historiador d'esta importante digressão, de que pasmarão vindouros, direi que B. se destacou no meio da serra para ir adiante dar algumas providencias acertadas.

E, de facto, quando chegaram a Lorvão encontraram aberta já a hospedaria do mosteiro, accesas as luzes e a ceia bem encaminhada.

A hospedaria do mosteiro apesar de arruinada revela ainda a grandeza e a opulencia mesmo d'aquellas filhas de S. Bernardo em tempos que passaram.

Em quanto o sr. Eduardo, sacristão do mosteiro, cuidava na ceia faziam os viajantes leitura do *Guia do viajante em Coimbra* e arredores, e do 2.º acto da *Conquista de Coimbra*, cuja acção fôra passada alli. Terminada a ceia e depois de algumas peripecias divertidas, taes como o cantar da *Suripanta* por V. e F., o deus do somno desceu sobre os viajores.

Por 7 horas da manhã do sempre lembrado dia 15 de abril já se achavam no largo e comprido pateo do mosteiro os intrepidos viajantes.

Em quanto alguns faziam considerações sobre o destino d'aquella soberba casa, B. copiava as tres seguintes inscripções, que alli existem bem conservadas ainda:

Post thalamum alfonsus regis th
arasia fundat
Lorvani monachas. et moni
alis obit.
anno. 12.

Regia progenies. pia virgo.
Sancia. cellas.
extruit. inde obiens
caelica regna petit.
anno. 12.

Este dormito.r
prencipiov
em 16 de jvn
ho do anno d
e 1631 sen
do abb.ª a sen
hora th
iofila de al
vim athe 24
de 8b.ro do a
no de 1633.

Abriu-se a porta do templo; entraram todos e ouviram missa.

Depois de haverem admirado o côro magnifico, a bonita grade de ferro com molduras de bronze, que o separa da egreja, os tumulos das infantas filhas de el-rei D. Sancho I e fundadoras do actual mosteiro, a bonita architectura de todo o templo, em que se ostenta a belleza da ordem composita e todos os primores da corinthia nos capiteis formosos e elegantes, faltavalhes apenas ouvir tocar o orgão. Sem conhecerem o reverendo confessor das freiras tomaram a liberdade de se lhe dirigir

para que intercedesse por elles para com a senhora abbadessa.

Foi tão affavel e cavalheiro o modo por que os recebeu que nem sabem hoje mesmo o que mais lhe devam agradecer se o attrahente das maneiras, se o obsequio de acceder a seu pedido alcançando logo das freiras o sim desejado. A's 11 da manhã foi a hora marcada. Aguardaram-n'a na egreja assistindo ao côro que durou das 10 horas ás 11. Apenas duas senhoras de mui avançada edade professas na ordem de S. Bernardo vieram ao côro. Eram seculares as mais sendo ao todo seis. O mosteiro de Lorvão tem actualmente quatro freiras. Por suas recordações historicas e pela vastidão de sua fabrica bom seria que o governo olhasse com attenção para aquella casa.

A primeira e mais acertada medida fôra a remoção das freiras de Cellas para Lorvão. O mosteiro de Cellas está hoje arruinadissimo e com poucas senhoras; o encorporal-as, pois, ás de Lorvão parece-nos uma boa ideia, sendo como, realmente são, ambos os mosteiros da mesma ordem. Olhar depois pela conservação d'aquella casa, mandando reparar a egreja, onde a humidade começa a deterioral-a, e o no-

viciado vastissimo cujos tectos ameaçam desabar em breve, fôra louvavel realisação d'um patriotico pensamento.

Deixando, porém, estas considerações talvez feitas no deserto, ouçamos os accordes do hymno de Sua Santidade no soberbo orgão do mosteiro de Lorvão.

Não ha palavras que possam descrever o magestoso dos baixos d'aquella soberba peça. Reboando pela vastidão do templo e do côro os sons do orgão extasiavam, enchiam de religioso respeito nossa alma, librando-a nas azas do archanjo das celicas harmonias.

V., o mais entendido no assumpto, confessou delirante que nem o gabado orgão de Santa Cruz de Coimbra tinha vozes assim!

Os momentos que alli se passaram por tal fórma e tão fundo impressionaram todos, que suppomos lhes lembrarão sempre com indisivel saudade. Alli, ouvindo aquellas musicas, e vendo formosissimos rostos através de rotulas, concebia-se a existencia de mundos de harmonias, de gosos infinitos, de perpetua bemaventurança. Assim pensava tambem o nosso Barth.

Sahiram do templo; e, por convite do re-

verendo sr. Miguel Ferreira Diniz, deram com elle um passeio pela cerca de fóra do mosteiro. Tem pontos de vista deliciosos.

Eduardo sacristo-uchão avisava-nos de que estava prompto o jantar.

Para a hospedaria se dirigiram e lá tiveram o prazer da visita do snr. Ferreira Diniz.

Como em toda esta diversão houve cousas que facilmente não esquecerão juntar-lhe-hei tambem aquelle *recibo da Cisa, de dulcissima* recordação.

Por 2 horas da tarde, guiados pelo dispenseiro, agora *cicerone* Eduardo, e acompanhados do mesmo sr. Ferreira Diniz até aos muros da cerca, onde se despediram d'elle e lhe agradeceram os bons officios que lhe prestára, continuaram a marcha para o *Caneiro*, onde deviam embarcar no Mondego para Coimbra. De Lorvão a S. Mamede a subida é aspera e na mesma proporção, se não peior ainda, a descida para o rio. Furt., o nosso mais intrepido e jovial companheiro, acompanhado do sympathico Vilh. iam adiante em batedores, seguindo-os de perto o joven Relv., depois Barth. e B.

Conhecendo este a repugnancia innata

que Barth. tem aos abysmos reaes e imaginarios até, começou logo no principio da descida a chamar-lhe em francez a attenção para um assumpto que o intertivesse e distrahisse por fórma que não visse o abysmo, o precipicio, o sorvedouro medonho, que lá em baixo parecia sorrir diabolico ao joven doutor. Conseguiu o fim que almejava.

Em quanto Eduardo procurava um barqueiro descançavam os viajantes á fresca sombra do profundo valle, e contemplavam o monotono movimento da roda de uma tosca moenda, audazmente comparada *á eternidade!*

Embarcaram, finalmente seriam, 4 horas da tarde no Mondego. Era divertido o palinuro Sebastião. Satisfeitos e alegres fomos escorregando pelo dorso plano das aguas ouvindo-lhes as falas, admirando as serras alcantiladas e os fundos valles, por onde meandra o rio antes de chegar á Portella, adivinhando charadas, recitando versos e fumando. Da Portella até Coimbra o Mondego é verdadeiramente encantador.

A verdura das margens ensombrando as aguas, as bonitas casas de campo da Portella, de Villa Franca, outr'ora casa de Je-

suitas, onde viveu algum tempo prisioneiro o padre Antonio Vieira, S. Jorge e a *Lapa dos Esteios*, ou dos Poetas, com sua linda casa de habitação; o cruzar continuo de barcos em todos os sentidos, e o suavissimo cantor dos sinceiraes com suas toadas maviosas e enamoradas queixas, e a ridente Coimbra lá em baixo, recostada indolentemente n'uma alfombra de boninas, e o crepusculo da tarde lançando no quadro algumas côres melancolicas, tudo isto era soberanamente formoso, poeticamente encantador.

Assim, depois de haverem gozado momentos deliciosos, aportaram ao caes novo de Coimbra seriam 7 horas da tarde.

Coimbra.

VIAGENS NO REINO

VIAGENS NO REINO

II

DE LISBOA A CINTRA EM JANEIRO

Estamos no hotel *Novo Pelicano* no largo de St.ª Justa em Lisboa. São 5 horas da tarde: janta-se.

Do meio do jantar até ao fim d'elle succedeu n'este o que succede em todos: a conversação acalorou, havendo antes o simples ruido dos garfos e facas tinindo nos pratos e o exquisito da mastigação. Ha muito que observar n'este acto precizo á vida humana! Mastiga aquelle brazileiro desdentado, a principio, como um sorvedouro engole as aguas, depois com semelhança exacta do ruminar do boi. Aquella alegre Faialense mastiga por modo que ninguem saiba que ella come, como envergonhada de se parecer com nosco os que necessitamos de alimento. O Morgado do Alemtejo, antigo alferes de milicias, que mede as suas herdades e montados ás le-

guas, e tem mais porcos do que pinheiros as Provincias da Beira, na sua lhaneza de burguez alemtejano dá uns sopros engraçados na comida antes de a sujeitar á trituração das maxilas, por ventura despidas já de dentes. Aquell'outro individuo, hespanhol alegre, e pintor de figura excellente, come, mastiga e engole com a hyperbolica e sabida natureza, que tem. E' curioso um jantar de hospedaria, maiormente por se ver como a humanidade alli, n'aquelle acto materialissimo, em cousa nenhuma differe do irracional, a não ser na estudada maneira de operar. Mas, deixando estas considerações, que para muito dissertar seriam, fallemos da ida a Cintra, emprehendida e realizada pelo distincto advogado R. V. e sua exm.ª Esposa, e pelo ignorado auctor d'estas linhas.

Em um omnibus, saido do largo de S. Domingos partimos ás 7 horas da manhã para S. Sebastião da Pedreira, onde está a estação do caminho de ferro Larmanjat: *companhia tramway a vapor.*

Ás 7 e $^1/_2$ deparámos com o famoso palacio do fallecido José Maria Eugenio de Almeida. É, realmente, uma bella edificação aquella. Pena foi que seu constructor,

ou primeiro possuidor a não lograsse por mais tempo. Mas quê, se a morte consola os pobretões ferindo subitamente os que possuem grandes haveres e que até chegam ás vezes a julgar-se immortaes! José Maria Eugenio morreu em Evora, n'uma cella de um convento de carmelitas, atroando, no afflitivo do passamento, com suas vozes doloridas os eccos d'aquellas abobadas e os ouvidos dos circumstantes. Deve ser custosa a morte ao que deixa no mundo grandes riquezas em edade em que muitos e uteis commettimentos emprehenderia em proveito proprio e de seus semelhantes.

Pouco depois de passarmos por aquella grande mollê de marmore, uma das primeiras habitações de Lisboa, enlevo, delicias, sonho constante do socialista petroleiro, parámos na estação do caminho de ferro Larmanjat.

Comprados 3 bilhetes por 550 réis cada um, entramos no *wagon* e partimos. São as carruagens aceiadas e elegantes.

A velocidade d'este caminho de ferro é inferior á que tem os do norte, e sueste de Portugal, e mais incommoda a passagem pelos tombos que dá a carroagem, provenientes da desigualdade do terreno em que

assentam as linguarinas sobre que pousam e rodam as duas rodas lateraes dos *wagons*.

Tombos ha por vezes tão violentos que, se o passageiro fôr em pé, terá de bater com a cabeça n'um repartimento de madeira divisor da carruagem em sentido longitudinal. É pessima esta divisão, não só por que priva os passageiros que vão de um lado de gozarem as vistas do lado opposto, mas porque monopolisa por uns ora o sol ora a poeira e o vento, dado que, por evitar asfixia, alguem se lembre de abrir as vidraças.

Sob um denso nevoeiro fomos passando pelas estações de *Sete Rios*, *Bemfica*, *Porcalhota*, *Ponte de Carenque* e *Queluz*, onde falleceu o rei soldado D. Pedro IV, *Cacem*, *Rio de Mouros Ranholas* até que chegamos a *Cintra*.

Na sahida de Rio de Mouros para Cintra ha um zig-zag declivoso com voltas precipitadas, onde experimentámos duas paragens da machina. Em tempo chuvoso forma-se sobre as linguarinas uma especie de massa, que não deixa adherir a roda á madeira, donde resulta que as rodas dão voltas mas não percorrem terreno.

Para sairmos d'alli precizo foi que o ma-

chinista saltasse em terra e, junto com o conductor, areassem as linguarinas, a fim de restabelecer o perdido attrito.

Em uma paragem que o comboio faz já proximo da poetica villa fomos assaltados por algumas mulheres que por compra nos offereciam as decantadas *queijadas de Cintra*.

Almoçámos na primeira hospedaria que encontramos, logo que chegados, e, sem demora, porque o tempo que tinhamos era pouco, montámos em *jericos* e fomos para a serra. Notaveis são os burros em Cintra: elegantes, corpolentos, bem ajaezados, e, sobre tudo, melhormente chamados.

R. V. montou o *Sertorio* sua exm.ª Esposa o *Monserrate* e eu o *Prior*.

Sertorio, indomavel e vencedor como quem lhe dera o nome, debellava ladeiras, como o renegado romano vencia as hostes contrarias. Monserrate, por uns certos brios imitativos claudicante acompanhava a Sertorio. Só Prior, o felpudo Prior não sabia o que era brio nem estimulo: ia no couce da burricada pachorrento como o seu nome.

Raiára o sol e soprava um vento fresco da terra. Entrámos a tapada, ou parque real. Se bem que despidas de folhagem algumas

arvores, avaliamos o quanto será formoso aquelle recinto no verão. Por uma magnifica estrada de macdam chegámos ao picadeiro, donde mais ávante se não permittia a nossa ida a cavallo. Retrocederam os burros para nos irem esperar a outra porta do lado opposto, e nós avançamos para o palacio da Pena, deliciosa vivenda de el-rei D. Fernando no pincaro mais elevado d'aquellas serranias. Fôra aquella casa um pequeno mosteiro de Jeronymos, em que só avultava uma torre manoelina ainda existente.

Taes são, porém, as obras emprehendidas e realisadas por D. Fernando em volta do exiguo mosteiro, que o palacio da Pena em Cintra não só é digno do nome que tem, se não uma maravilha d'arte, desde os jardins, e estufas, e lagos até aos rendados grandiosos das novas portas e janellas. N'aquella graciosa obra, feita com solidez de arrostar seculos, ha de forçosamente passar á posteridade o nome do rei artista vinculado áquelles admiraveis primores d'arte moderna architectonica.

Achamo-nos no mais alto de uma elevada torre mandada construir por D. Fernando. Esplende o sol, varridos da super-

ficie da terra os pesados e humidos nevoeiros. Admiravel! Que horisonte formoso a norte e a leste!

Ao poente a vastidão dos mares, por onde as naus descobridoras do Brasil e do Oriente se afastaram do solo patrio no melhor e mais glorioso periodo do nosso viver de nação livre. Vae-se-nos por aquellas aguas um olhar de saudade, que debalde procura a vela no horisonte da nau S. Gabriel, que levára e trouxera da India o immortal Vasco da Gama. No phantasiar da imaginação é debalde tambem que procuramos ver sobre a tolda da nau S. Bento o mavioso cantor de nossos feitos volver saudoso olhar á terra da patria, ás aguçadas penedias de Cintra, onde talvez gosára horas deliciosas no amoroso enlevo de Catharina de Attaide. Tudo passou para não mais volver. Só a magestosa penedia é a mesma ainda, só o mar que lhe lambe as bazes murmura e brame espumante lá em baixo, só o ramalhar da folhagem é tambem o mesmo ainda. Que saudades para o amador da patria historia!

Corramos, porém, a cortina que nos descobre o oceano.

Que bacia coalhada de povoações alve-

jantes se nos depara do lado opposto! Mafra, a grandiosa *semsaboria de marmore*, lá avulta a quatro leguas de distancia contrastando singularmente com o painel dos mares, de tão saudoso recordar para nós, esmagando-nos a phantasia com o pesado de seu vulto pardacento. Não surgem d'este lado as pandas velas de nossas armadas; levanta-se aquella molle sem prestimo, recordando-nos apenas os caprichos de um rei freiratico, a quem seus antepassados encheram a curnocopia da abundancia do ouro que a nau dos *quintos* lhes vinha entornar no erario a miude. Feliz creatura se te não foramos encontrar no jazigo real de S. Vicente confundido na poeira da campa com tantos mortaes que passaram, se bem que differenciado d'elles no lugar em que pousa o caixão que deve conter teus ossos!

Arredemos a vista de Mafra por desviar tambem da mente o recordar da corte licenciosa do Luiz XV portuguez.

Admiremos agora a mais formosa penedia que temos no reino.

Nem as graniticas margens do Douro, nem as cristas aguçadas do Caramulo, nem os alcantis dos Herminios, os fragosos des-

penhadeiros do Mondego, as penedias de ambas as Beiras, nada d'isso tem a grandeza, a magestade terrifica, a bellesa d'aquellas agulhas de marmore, como se foram enormes estalagmites gotejadas de cavernas espantosas. Assusta ver debruçadas sobre nós aquellas grandissimas pedras, que parecendo desabar a cada momento sem lhes poder suster a queda o tronco ou troncos das arvores seculares que em suas fendas nasceram e encorparam, e que junto de si parecem ter nascido para as amparar.

E o castello dos mouros, como lhe chama o vulgo!

Tambem lá se firmam aquelles muros ameiados nos pincaros da collossal penedia, patenteando de um modo formal a sua origem da edade media, quando menos, ou do principio da monarchia a muito desejar. Mas, lá existe tambem, já no pendor occidental da serra, uma casa pequena, que por certo fôra mesquita dos mouros, e que empresta ás muralhas portuguezas o nome de *Castello dos mouros*.

Os capiteis arabes, os arcos de ferradura, as pinturas a fresco no tecto desbotado evidenciam, sem a menor duvida, uma construcção mussulmana.

Foi esta a primeira que vimos em Portugal, conhecendo sómente até áquelle dia alguns capiteis arabes existentes em Evora. Agradavel impressão nos fez o entrar n'aquella casa, onde tantas filhas do Islam por certo entrariam devotas e crentes ha outocentos ou novecentos annos.

Proximamente d'aquellas ruinas ha um monumento sepulchral moderno, onde a cruz e o crescente avultam em alto relevo em pedra, e onde se gravára uma breve inscripção que, por menos orthodoxa, se mandou destruir, e que dizia, se bem nos informaram: OSSOS AQUI REUNIDOS DEUS SEPARARÁ. Foi o caso que, apparecendo em volta da mesquita diversos tumulos e n'elles ossadas humanas, o superintendente das obras, alli mandadas fazer por D. Fernando de Gotha, as fez reunir em um só tumulo, e, não contente com a cruz e com a meia lua em amigavel associação, lhe fizera gravar o referido disticho.

Forçoso nos foi descer, porque o dia se adiantava e nós antes de voltar a Lisboa desejavamos ver o palacio real de Cintra, a que tantas recordações historicas andam ligadas ha seculos.

Fóra da porta do parque nos esperava

o rapaz conductor dos burros Sertorio, Monserrate e Prior. Montamol-os e galopamos para o palacio real de Cintra, onde facil ingresso achamos, graças a um bom velho servidor da casa real.

Cabe pôr aqui um reparo feito pelo illustre cavalleiro do Sertorio: tanto no palacio real de Cintra como em parte do da Pena, como nos estabelecimentos de superintendencia do Governo de Lisboa, facil nos foi a entrada, o mostrar, o ver: na fabrica de tabacos de Xabregas vedou-se-nos, prohibiu-se-nos, porque não levavamos bilhetes de um certo bei monetario!! É singular aquella prohibição de ver manufacturar cigarros, patenteando-se a toda a hora do dia e a todos, os hospitaes, a fundição do exercito, a casa da moeda. Passe sem mais reparo e valha sem sello ex-causa...

O palacio real de Cintra é um montão de grandiosas salas, de quartos e até cubiculos. Alli entrámos na sala dos *veados*, onde no tecto se veem os brasões d'armas das principaes familias do reino, raspados os da casa Tavora e Aveiro: vimos a das *pegas*, graciosa allusão a uma lenda de D. João I, de D. Filippa de Lencastre e de uma dama do paço a quem o rei pedira uma ro-

sa ao encontral-a alli, e a quem abraçára, quando ao palrar de umas pegas chocalheiras, apparecera a rainha e perguntára a D. João I: *Que é isto, Senhor?—Por bem,* respondera o monarcha. Tem, pois, o tecto centos de pegas com a resposta do rei em uma fita no bico e sustendo uma rosa nos pés.

Tambem vimos a cadeira e bancada de alvenaria coberta de azulejos em que D. Sebastião resolvera com os do seu conselho a jornada d'Africa, de triste recordar, e a casa em que o misero Affonso VI penou outo ou nove annos preso como um criminoso, rei sem reino que lhe empolgára o irmão, e marido sem mulher que lhe furtára o mesmo. Horrorisa ver nos azulejos do pavimento o sulco do seu prepassar, como nas hombreiras da janella os vestigios dos grossos vergalhões de ferro, que o guardaram. Aquelle quarto deve ser uma perenne ameaça a reis mal aconselhados e mal procedidos e ao mesmo tempo uma tremenda lição que lhes dá a historia.

Eram 2 horas da tarde. Do palacio real de Cintra até á estação Larmanjat o valente Sertorio e collegas transportaram-nos em vaporosa correria, digna em tudo da bur-

ra de Balaam, sua avó d'elles. Chegamos e partimos para Lisboa seriam 2 horas e 1/2 da tarde.

Sem accidente notavel chegamos a S. Sebastião da Pedreira, seriam 4 e 1/2.

Haviamos calculado mal e peior escolhido o compartimento da carruagem na volta: o sol poente incommodou-nos quasi todo o caminho ferindo-nos o rosto com seus raios ardentes, atravez mesmo das azuladas cortinas. Melhormente avidos andaram dois hespanhões e duas *muchachas* que, de costas para nós e para o sol, todo o caminho brincaram e riram e... viveram.

Ás 5 horas da tarde estavamos sentados á meza de jantar do hotel *Novo Pelicano* em companhia dos nossos companheiros da vespera, a que accrescia o talentoso actor Rosa, que jantava com o morgado alemtejano.

Estas linhas são uma saudade para a nossa velhice e um brado em favor da visita que todos devem fazer a Cintra, ao Bussaco do occidente, áquella maravilha da naturesa orgulho de nacionaes, enlevo de estranhos

«.....onde se esquecem magoas»

Evora, 1874.